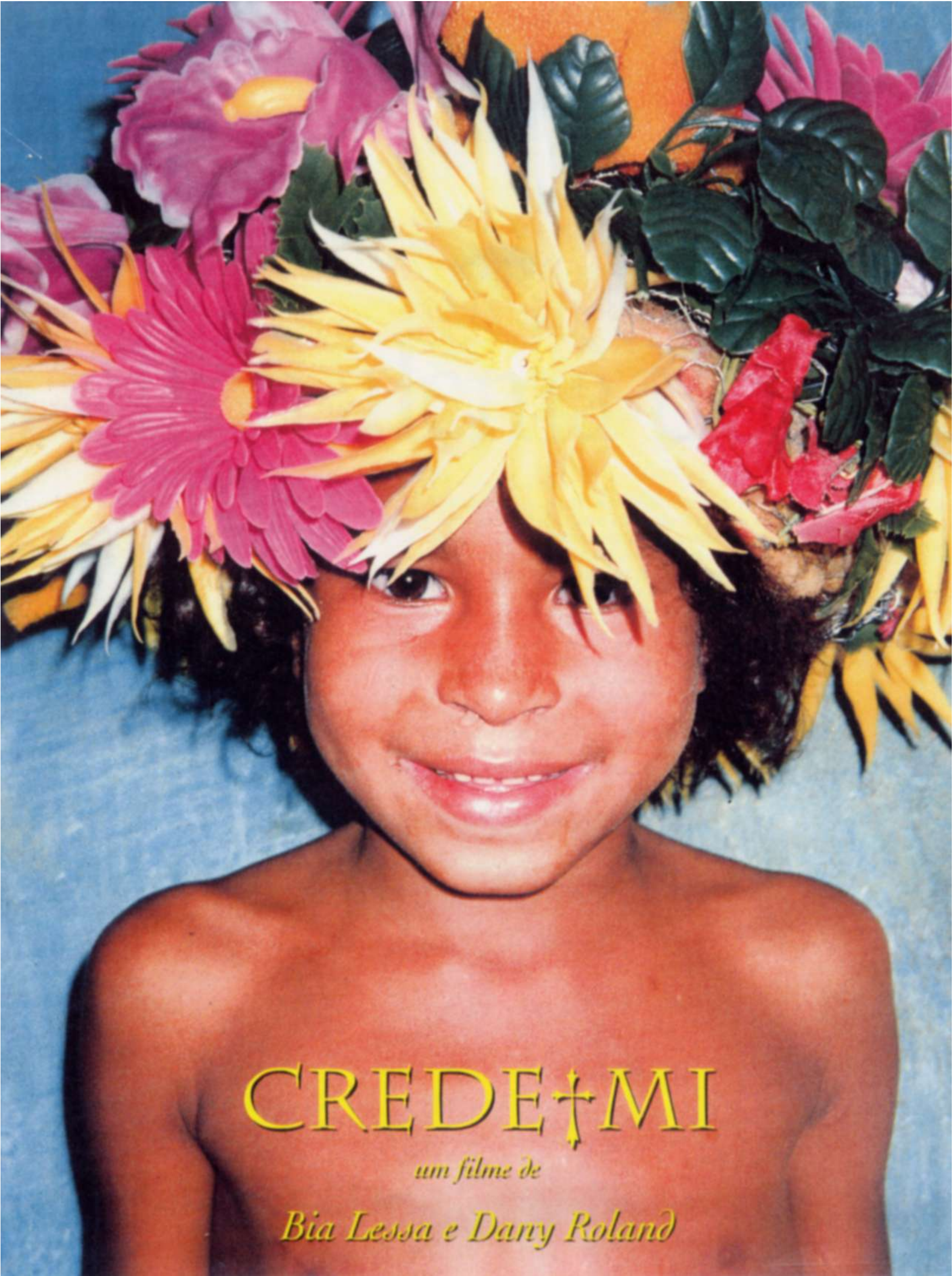


Document Citation

Title	Crede mi
Author(s)	
Source	<i>Publisher name not available</i>
Date	1996
Type	press kit
Language	Portuguese
Pagination	
No. of Pages	13
Subjects	Lessa, Bia (1958), Sao Paulo, Brazil
Film Subjects	Crede mi (Believe me), Lessa, Bia, 1996



Filme de Bia Lessa exhibe síntese entre dramas dos nordestinos e a obra de Thomas Mann, 'O eleito'

A alma alemã do cearense

PEDRO BUTCHER

Entre setembro e outubro de 1995, durante mais ou menos 20 dias, Bia Lessa percorreu um punhado de cidades do Ceará. Queria encontrar algo em comum entre a cultura nordestina, bem específica, e grandes mitos da cultura ocidental. No romance *O eleito*, de Thomas Mann, a diretora enxergou uma espécie de compêndio dessa cultura, com sua trama que fala de incesto, religiosidade e purgação de pecados. Resolveu, então, tomá-lo como ponto de partida para workshops que coordenaria no Ceará a pedido de Violeta Arraes. O resultado dessa experiência — peregrinação e aventura em terras nunca dantes navegadas pela encenadora de *Orlando* e *Viagem ao centro da Terra* — está em *Crede-mi*, longa-metragem totalmente extraído de sua pesquisa no Nordeste, com estréia marcada para dia 10 de janeiro, no Rio.

Deus, diabo e tevê em plena terra do sol

BIA LESSA *

Juazeiro do Norte

“Quando chegamos a Juazeiro, 180 pessoas estavam inscritas na oficina. Tive que trabalhar de microfone numa sala imensa. A primeira dificuldade foi lidar com aquela imagem pronta que as pessoas têm do ator, que vem da TV. Você não sabe a quantidade de Tons Cavalcantes que tem no Ceará. Tem um lado bom, mas também tem outro muito exibicionista. Aos poucos, tentei mostrar que nosso interesse era valorizar a memória.

O segundo ponto foi descobrir a relação diferente que a população tem com Deus. Religião, lá, é uma coisa muito mais concreta, ligada ao cotidiano. Uma das frases ditas no filme, de uma modernidade impressionante, foi resultado de improvisação. É quando a rainha diz: ‘Deus, onde estava sua legião de anjos que me deixou pecar? Quem é você, Deus? Quem é você, para me julgar?’. Em Juazeiro a oficina durou quatro dias. No quarto dia, às 5 da manhã, fizemos a primeira interferência na cidade. Filmamos o rei e a rainha, grávida, caminhando em meio à multidão.”

Crato

“Crato é uma cidade rival de Juazeiro, mais aristocrática, mais bonita, mas onde encontramos dificuldades técnicas. Não era sempre que a sala de trabalho estava disponível, e então a gente se mudava para a praça da cidade. Participaram 60 pessoas, inclusive 15 crianças entre 4 e 12 anos. Em Crato, todo dia 20 de cada mês, tem uma missa no nascer e no pôr-do-sol, porque foi nesse dia que o Padre Cicero morreu. Cinco horas da manhã me deparei com uma porção de gente vestida de preto caminhando para o mesmo lugar. Uma imagem incrível. Foi lá que encontramos também os irmãos Ancioto, que têm um grupo musical e fazem uma espécie de luta de facas que incluí no filme. Depois consegui um ônibus emprestado e resolvi trazer o pessoal de Juazeiro para Crato. Foi ótimo e acho que, de certa forma, contribui para o entedimento entre as duas cidades.”

Nova Olinda

“Essa cidade, numa região conhecida como Chapada do Ariri, é o menor município do Ceará, mas é o lugar mais impressionante por onde passei. Fica no meio de um sítio arqueológico onde existem pinturas de homens pré-históricos desenhadas nas cavernas e onde volta e meia se descobrem fósseis. Os franceses estão descobrindo esse sítio arqueológico e recentemente saiu uma reportagem enorme no *Le Monde*. Em Nova Olinda, existe um lugar chamado o Museu do Homem do Cariri, mantido por várias crianças. Eles juntam o trabalho artístico local e o arqueológico de forma fantástica. Eles têm também uma editora chamada Nova Imagem (na verdade, copiam a mesma história várias vezes e improvisam um livrinho) e uma rádio (feita de um gravador e dois alto-falantes). De noite, põem a TV e o videocassete em frente à casa do museu e cobram sete palitos de fósforo para quem quiser ver um filme. O acervo deles (doador por instituições e gente que passou por lá) é super curioso. Tem Hitchcock, por exemplo. Agora, não paro de mandar novidades para lá também.”

Camocim

“É uma cidade da beira-mar, perto de Jericoacara, pobre, pequenininha, onde sopra um vento inacreditável. Para você ter uma idéia, o hotel de lá não tem janela, de tanto que venta. Em Camocim a experiência foi bem diferente porque só duas pessoas se inscreveram no workshop. Se em Juazeiro e Crato foi praticamente um happening, dessa vez deu para fazer um trabalho quase individual. Lá, aconteceu também o único incidente mais grave. Um padre expulsou a gente da igreja enquanto trabalhávamos numa das cenas. Entendo o ponto de vista dele: tinha medo que nós estivessemos ridicularizando a igreja, o que não era nem de longe a nossa intenção. Em Camocim, pela primeira vez, a gente entrou na casa das pessoas. As paredes são cheias de quadros pendurados. Dividem o mesmo espaço Stallone, Xuxa, Jesus Cristo e Mauricio Mattar. Numa das salas que entrei tinha um monte de posters e um prego no meio, vazio. Perguntei qual era o quadro faltando e a dona respondeu: ‘É o da Nossa Senhora, que está trancada no armário há anos, desde que parou de me obedecer’.”

Canindé

“Chegamos em Canindé no dia da Festa de São Francisco, que leva até aquela cidade mais ou menos um milhão de

Quando começou a gravar as oficinas cearenses numa câmera de vídeo Hi-H, Bia Lessa ainda não imaginava um longa-metragem. Estava determinada, porém, a registrar tudo com a colaboração de Dany Roland, companheiro de viagem. Acostumada às grandes metáforas do palco, de repente Bia Lessa descobriu no registro da realidade uma nova forma de expressão. “Aos poucos percebi como poderia lidar com a imagem”, diz ela, entusiasmada. Um segundo fator, porém, contribuiu para dar consistência à idéia do longa. Bia logo descobriu uma identificação da população cearense com os temas abordados. “Para minha surpresa, lidar com as questões do livro (como o incesto, por exemplo) não assustou as pessoas”, conta. Ela explica que *O eleito* despertou seu interesse justamente por falar de tradição e parecer juntar todas as histórias do mundo numa só. “Quando comecei a estudar o livro, tive um *insight* de como lidar com as histórias do

nordeste nas oficinas. Mas não podia imaginar que fosse dar tão certo”, entusiasma-se. De volta ao Rio, mostrou o material para algumas pessoas que deram seu aval. “Vi que ali tinha um filme”, conta — e passou, então, o vídeo para película.

Apesar de trazer algumas cenas documentais como a Festa de São Francisco, na cidade de Canindé, ou a Procissão de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, todas elas foram aproveitadas dramaticamente, como se fossem recriações do romance. A diretora descartou, portanto, todo e qualquer material que fizesse do filme um documentário (foi para o lixo, por exemplo, todo o registro do dia-a-dia das oficinas). O resultado é a história de Thomas Mann repassada por olhos cearenses. Os personagens vão trocando de atores conforme a diretora muda de cidade. Abaixo, Bia Lessa descreve sua aventura, cidade por cidade.



A universalidade da cultura nordestina foi uma revelação que Bia Lessa registrou em seu novo filme 'Crede-mi'

pessoas. Você pode imaginar a loucura que é. Por causa disso, a oficina foi por água abaixo, toda a população estava em função da festa. Em compensação, o material humano era inacreditável. Ficamos três dias lá. Só participou da oficina o único repórter, da única rádio da cidade, que veio me entrevistar, se entusiasmou com a história e resolveu entrar na onda. Foi em Canindé que o problema de respeitar as pessoas filmadas se impôs. Foi delicado, porque aquela religiosidade é muito profunda e não sabia até que ponto seria falta de respeito filmar aquele momento tão importante.”

* Trechos do diário da viagem da cineasta





Calouro nas telas dos cinemas

Matheus Nachtergaele fala de 'O Que É Isso, Companheiro?'. Pág. 8



Um balanço do Nescafé Blues

Johnnie Johnson (foto) foi um dos destaques do festival no Palace. Pág. 3



Bia Lessa com cantadores nordestinos: no vídeo 'Crede-Mi', o povo cearense reconta a história do clássico romance 'O Eleito', de Thomas Mann, sobre um menino que é abandonado no mar pelos pais

Bia Lessa relança idéia da câmera na mão

Com Thomas Mann na cabeça, a diretora filmou 'Crede-Mi' no interior do Ceará

CARLOS ALBERTO DE MATTOS
Especial

RIO — Revirar pelo avesso clássicos da literatura europeia não é bem uma novidade na carreira da diretora teatral Bia Lessa. Virginia Wolf (*Orlando*), Júlio Verne (*Viagem ao Centro da Terra*) e Robert Musil (*O Homem sem Qualidades*) foram alguns dos autores que ela já transpôs para o palco com uma mistura muito pessoal de admiração e irreverência. Mas um novo cenário vem se abrindo para sua inquietação. Disposta a "captar a espontaneidade dos acontecimentos", Bia Lessa começou a realizar obras em vídeo.

Para isso, não precisou largar os clássicos europeus. A primeira experiência foi há três anos, no intervalo entre duas apresentações teatrais na Europa, quando Bia e sua trupe gravaram uma adaptação instantânea das cartas amorosas de Franz Kafka nas ruas de Praga, com cenas de fazer corar os checos. Em fins do ano passado, a nova videomaker rodou 5 mil quilômetros pelo interior do Ceará, acompanhada apenas do ator Dany Roland, gravando, numa pequena câmera Hi-8, os workshops que misturavam as vivências e a cultura de rendeiras, pescadores e artistas populares com a narrativa mitológica alemã do século 12, recontada por Thomas Mann no romance *O Eleito*. O resultado é o vídeo *Crede-Mi*, em que o povo cearense reconta, com seu sotaque e talento bruto, a clássica história de um menino deixado no mar pelos pais incestuosos, que vai acabar se casando com a própria mãe e sendo eleito papa.

"O *Eleito* são todas as histórias", sintetiza Bia. A paixão da diretora pelas aproximações radicais fez Ceará e Alemanha se encontrarem. Nessa entrevista ao *Estado*, concedida nos jar-

dins do Museu de Arte Moderna do Rio, Bia analisa essa nova frente de criação e anuncia que encenará *O Eleito* em um palco especial: a feira de nordestinos que todo fim de semana leva milhares de pessoas à praça central do bairro carioca de São Cristóvão.

Estado — O que a câmera e a imagem em movimento trazem de novo para o seu trabalho?

Bia Lessa — O que mais me fascina é captar a espontaneidade do acontecimento, enquanto no teatro você tem de forjá-lo. A imagem é um depoimento em si, permitindo que eu abra mão um pouco da representação. No vídeo, sinto que estou trabalhando de fato com pessoas. A imagem me permite captar as coisas como elas são.

ELA
PERCORREU
5 MIL
QUILÔMETROS

Estado — Você acredita numa utopia do cinema-verdade ou vídeo-verdade?

Bia — O importante não é ter a realidade em si, mas a verdade do seu olhar sobre aquilo. Para mim, é muito novo o fato de que *Crede-Mi* esteja hoje exatamente como estava ontem, com aqueles momentos fugazes que nunca vão se repetir. Isso no teatro é impossível, nada se repete assim. No vídeo sobre o Kafka, ainda tínhamos cinegrafista e técnico de som, mas no *Crede-Mi* fomos só eu e o Dany com a proposta de fazer um trabalho o mais individual possível. Estávamos somente com uma pequena câmera Hi-8.

Estado — Você se inspirou em modelos de cineasta ou videomaker?

Bia — Sou estudiosa, mas não sou culta a ponto de ter modelos. Conheci Godard há seis anos por insistência do escritor Sergio Santanna. Se existe alguma influência no *Crede-Mi* é de todos os filmes épicos que já vimos, do Gláuber e de *Tudo É Verdade*, de Orson Welles. São referências mais afetivas que estéticas. Não tínhamos roteiro. Tudo tomava forma no momento.

Estado — De que maneira os locais lhe inspiravam as cenas?

Bia — O céu baixo do Ceará atrai a câmera, daí a razão de tantas tomadas diagonais. Outro aspecto incrível é a riqueza da linguagem e como o sotaque das pessoas cabia no texto de Mann. As religiões e os mitos de *O Eleito* e do Nordeste acabam tendo uma organicidade inacreditável.

Estado — O que a levou a fazer *Kafka: o Outro Processo*?

Bia — Quando li o livro do Elias Canetti, que recupera as cartas amorosas e outros escritos de Kafka, vi que não poderia fazer aquilo em teatro. Era pessoal demais, era o diário do Kafka. Queria a coisa bruta, tinha de ser em vídeo. Estávamos na Europa entre dois festivais, onde apresentaríamos *Orlando* e *Viagem ao Centro da Terra*. Num intervalo, escolhemos ficar em Praga, porque era a cidade mais barata. Era a hora de realizar um projeto com que sonhava desde um convite frustrado da TV Globo nos anos 80. Conseguimos uma pequena estrutura e gravamos tudo em três apartamentos alugados e nas ruas da cidade.

Estado — Que imagem de Kafka se desprende do livro de Canetti?

Bia — Ele propunha uma relação amorosa moderna, que não sacrificasse a individualidade. Kafka não era *A Metamorfose*. Tuberculoso, jogava futebol nu em plena praça.

Estado — E como nasceu a idéia de juntar Thomas Mann com o Ceará?

Bia — Nasceu do próprio Mann, quando ele reconta velhas lendas, como *José e seus Irmãos* e *O Eleito*. No início de *O Eleito*, ele aborda a questão da linguagem erudita e popular. Eu tinha vivido uma bela experiência quando levei *Orlando* para Fortaleza e conheci a secretária de Cultura, Violeta Arraes, que me convidou para voltar com a ópera *Don Giovanni*. Daí surgiu o interesse em ver como o interior do Ceará contaria Mann.

Estado — Como era feito o trabalho com os "atores" locais?

Bia — A Secretaria de Cultura do Ceará fazia inscrições prévias para o workshop em cada local. Mas os grupos cresciam espontaneamente, às vezes para mais de 200 pessoas. Filmáva-

mos as oficinas e a encenação. Encontramos as figuras mais alucinadas, como um homem que insistia em representar todos os personagens da história ao mesmo tempo. É incrível como eles interpretam a história e se encaixam com suas vivências. A idéia era tirar o máximo deles, ver e ouvir o que eles tinham antes de introduzir Mann.

Estado — O homem nordestino tem uma relação mais intensa com os mitos do que nós do Sudeste...

Bia — Eles falam de Deus como se fosse um primo. O sagrado e o profano estão no mesmo nível. É tudo junto e é pelos poros. Isso resulta numa nobreza, numa ética social impressionante. A pobreza na região do Cariri não tem promiscuidade nem decadência. Tem flor. As casas são pintadas todo ano.



Bia Lessa em ação: "Imagem permite captar as coisas como são"

Vídeos lúdicos incorporam acaso

O vídeo representa uma alternativa saudável para o intenso trabalho teatral de Bia Lessa, uma chance dada às interferências do acaso contra a alta elaboração cênica de suas peças. Em *Kafka: o Outro Processo*, os atores parecem estar "roubando" o cenário natural de Praga.

São clandestinos numa terra estrangeira, figurantes que es-

Para mim, é tão impactante quanto ir a Paris pela primeira vez.

Estado — Você parece criar a partir de encontros inesperados, mas tem uma obra baseada em clássicos da literatura europeia. Não é uma contradição?

Bia — O encontro é fundamental. O que me atrai nos clássicos é minha paixão pelo que não conheço. Mas há algo curioso. Para fazer Mann agora, estou trabalhando muito com Guimarães Rosa. Os atores passam primeiro por Rosa para depois Mann brotar lindamente. Sinto atração pelo que é diferente, mas o resultado do meu trabalho é brasileiro. Sou ligada à cultura nacional e junto isso com um Nelson Rodrigues talvez não fosse tão interessante quanto com Musil ou Mann. Isso

é decorrência da minha pouca cultura. A primeira vez que li Dostoiévski, montei Dostoiévski. *O Eleito* me foi dado pelo Haroldo de Campos, foi meu primeiro Thomas Mann. Não se trata de uma escolha culta dentro de uma obra, é mais o resultado de encontros,

Estado — Como será a transposição de *O Eleito* para o teatro?

Bia — O livro de Mann mostra que o eleito não é o correto, mas aquele que passou pelas misérias humanas. O homem é miserável, mas nem por isso é excluído. Depois de assumir, com Musil, a posição do observador externo, estou indo para dentro das misérias humanas. Para o teatro, pretendo dividir a narrativa em cinco espetáculos diferentes e me aprofundar nos conceitos, ao contrário do que fiz no vídeo. Quero fazer isso em fins de semana dentro da feira de São Cristóvão, um dos acontecimentos culturais mais ricos do Rio. Vamos fazer uma interferência clássica dentro de um evento popular real.

teatral, enfático e, algumas vezes, obscuro.

Desembarçada de seus atores-amigos, solta pelas paragens cearenses, Bia Lessa é outra videomaker em *Crede-Mi*. A integração texto-paisagem-atores é total. No vídeo, a gente comum de Cariri, Canindé, Juazeiro brinca muito sério de representar — e o resultado é, às vezes, hilário, às vezes, comovido. Com a ajuda mínima de duas coroas diferentes, os personagens de folhetinesca trama de *O Eleito* vão trocando de cidade e elenco sem que nunca se perca o fio da meada.

Ensaio — As festas religiosas e folguedos populares trocam o sentido documental pelo dramático, à medida que vão sendo incorporados à narrativa ficcional. *Crede-Mi* é parte ensaio antropológico, parte teatro popular, mas é, sobretudo, uma experiência audiovisual de pura originalidade. (C.A.M.)

FESTIVAL
O cantor africano Salif Keita (foto) promete uma grande festa durante sua apresentação hoje no Free Jazz. **Pág. 6C**



Divulgação



Divulgação

CINEMA
O filme 'Doces Poderes' (foto), de Lúcia Murat, está entre as estréias de hoje na Cidade. **Última página**

Thomas Mann chega às dunas do Ceará

Rodado em Juazeiro, Crato e Canindé com atores amadores, 'Crede-Mi', primeiro longa da diretora teatral Bia Lessa, revela a proximidade entre a cultura popular brasileira e a obra erudita do romancista alemão

Bia Lessa deixou o certo pelo incerto. Em companhia do músico e ator Dany Roland, largou o teatro pelo cinema, trocou atores profissionais por voluntários convocados em Juazeiro, Crato e Canindé, no interior do Ceará. E assim contou uma lenda europeia que inspirou Thomas Mann a escrever o romance *O Eleito*.

O elaborado texto de Mann transformou-se em *Crede-Mi*, filme tosco, experimental. A obra rejeita glamour e efeitos especiais para buscar o que há em comum entre a cultura popular brasileira, vigorosa mesmo quando miserável, e o complexo, sofisticado estilo do romancista alemão.

Crede-Mi, primeiro longa-metragem de Bia Lessa — que antes rodou o até hoje inacabado curta *Kafka/O Outro Processo* —, deve entrar em cartaz em cinemas de São Paulo na segunda quinzena de novembro. Para realizar o filme, Bia formou com Dany uma diminuta equipe técnica.

Ambos percorreram 5 mil quilômetros no interior do Ceará e trabalharam com 400 pessoas em oficinas das quais saíram os 138 atores do filme. A aventura, que custou cerca de R\$ 90 mil, resultou em 40 horas de material registrado numa câmara HI-8.

Na ilha de edição, no Rio, Bia Lessa e Dany Roland descobriram que tinham nas mãos não um documentário mas um longa. Apesar do fascínio pelo cinema, Bia Lessa não deixa o teatro. Quer estreiar em princípios de 1997 uma versão cênica de *O Eleito*. Nesta entrevista ao *Jornal da Tarde* ela falou sobre o processo de criação do filme, o novo espetáculo, e explicou como vê o teatro que quer passar a produzir.

Jornal da Tarde — De que modo surgiu o filme. E por que *O Eleito*?

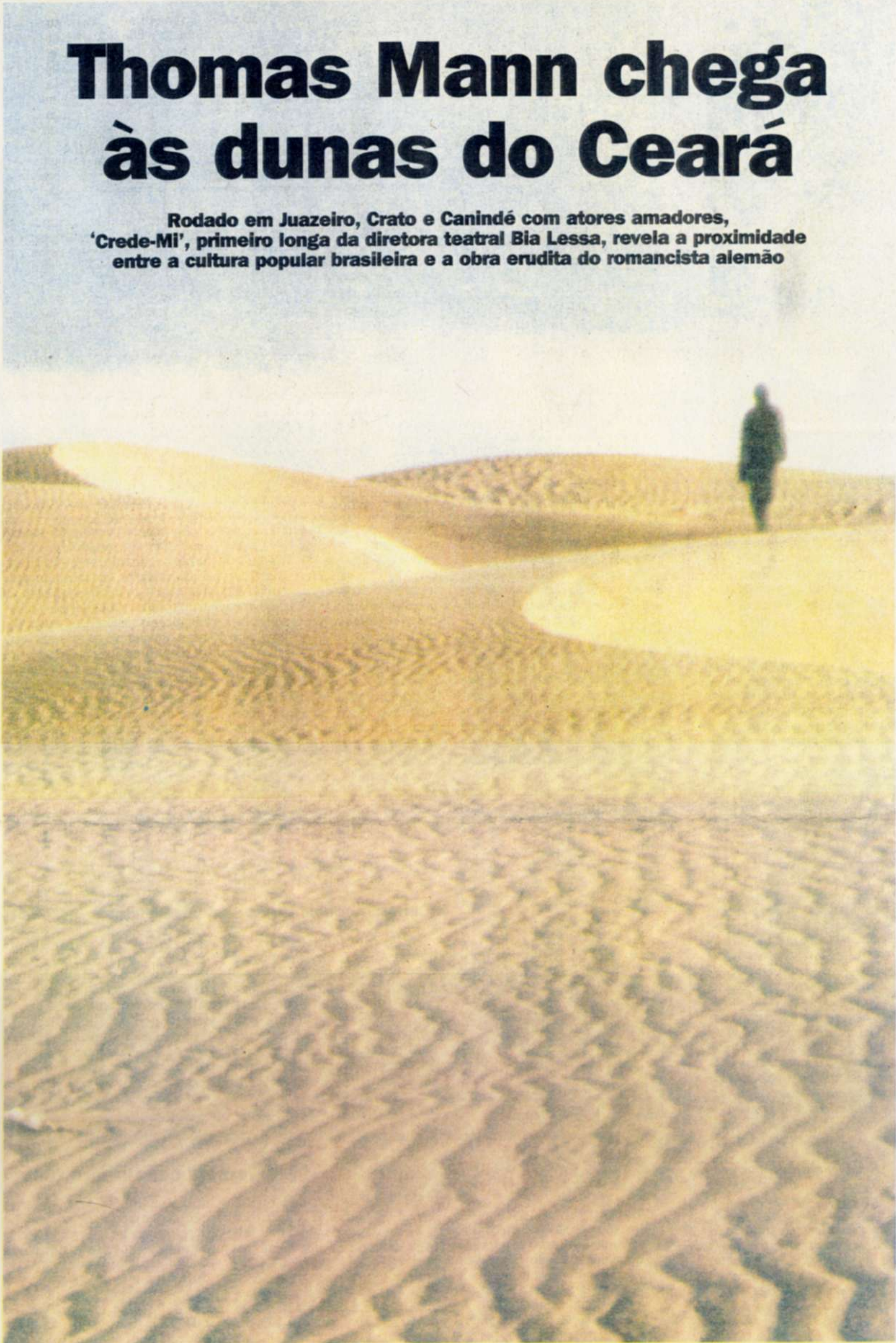
Bia Lessa — Estava dirigindo *Um Homem sem Qualidades* no teatro e Haroldo de Campos disse que eu tinha de ler *O Eleito*, de Mann. Li. Foi fulminante. Teve sobre mim o impacto de *Orlando*, de Virginia Woolf. O livro reúne todas as histórias do mundo. O projeto ficou guardado. *Um Homem sem Qualidades* é muito filosófico. Me deu vontade de sair e ver a vida. Lembrei então de *O Eleito*, que fala de mito, origem, tradição. Em teatro, mesmo trabalhando com atores diferentes, muitas vezes tenho a impressão de estar contando a mesma história. É uma coisa que tenho com ator. Me interessa mais a pessoa que o artista. Por isso fui para o Ceará.

Trabalhar esse texto com tais atores não foi um paradoxo?

Mann trata do profano e do sagrado desde *José e Seus Irmãos*. Descreve como o sagrado se torna profano e vice-versa. Pois no Ceará lidam muito com isso. Sou de São Paulo e fui criada em Minas. Tenho imagens terríveis do Deus distante, severo, da minha infância. No Nordeste, Deus é como um irmão, misturam santos com Stallone e Mauricio Mattar. E estão ligados ao tempo mitológico. Fomos à casa do velhinho que abre o filme, e ele iniciou a conversa dizendo: "Quando tudo começou..." Pôs-se a contar a história do mundo do jeito dele. Nesses momentos encontra-se o humano.

Você não teve medo de chegar como uma colonizadora?

Queria aprofundar a questão da diferença. Ela não me assusta, ao contrário, me atrai. Gosto de ser checada. Por isso, não foi como colonizadores que chegamos ao Ceará, mas como pessoas em busca de diálogo. Para criar uma estranheza entre essas realidades ▶



'Crede-Mi': cenas no interior do Ceará e oficina com 400 pessoas para escolher os 138 atores do filme

CRÍTICA

UM EXERCÍCIO RADICAL

Com técnica tosca e estrutura inovadora, 'Crede-Mi' mistura ficção e documentário, mito e realidade

Ao primeiro longa-metragem da diretora teatral Bia Lessa, *Crede-Mi*, não se aplicam os convencionais adjetivos "bom" ou "mau". A obra, assinada por Bia Lessa e Dany Roland, é um exercício radical que mistura ficção e documentário, remetendo ao Cinema Novo e ao filme inacabado de Orson Welles *É Tudo Verdade*.

O filme resulta do olhar "não técnico" de Bia Lessa. Sem iluminadores, fotógrafos, operadores de câmara, ela e Dany Roland ganharam total autonomia sobre o processo narrativo. Resultou daí um filme que recusa o bom acabamento. Ângulos improváveis e cenas mal-iluminadas dominam e determinam o

ritmo de *Crede-Mi*.

Mas não é só no campo técnico que Bia Lessa e Dany Roland ousam. Na estruturação da narrativa usaram recursos que não devem ter sido tentados nem por experimentadores do porte de Gláuber Rocha e Jean-Luc Godard. *Crede-Mi* recorre a vários elencos para narrar as peripécias do jovem que vai se casar com a própria mãe, depois de abandonado ao nascer, e que acabará, ao fim de muitas provações, eleito papa.

Filmando em diversas cidades cearenses, a produção de *Crede-Mi* não pôde transportar o mesmo grupo de amadores de um local a outro. O problema foi resolvido com um recurso digno

do sistema Curinga, de Augusto Boal. Uma coroa de metal e uma tiara de flores indicam as figuras do rei e da rainha.

Mesmo quando mudam os intérpretes, o público os identifica. E não perde o fio da história, uma lenda de sabor medieval repleta de incestos, desventuras e redensões. Bia Lessa e Dany Roland capturam em *Crede-Mi* imagens de um Brasil colorido e miserável, o antipoda das tradições épicas da Europa mítica em que Thomas Mann situa sua história. A ousadia dos cavaleiros tomados por paixões proibidas é materializada no filme em atores que expõem cáries e bocas bangueiras, acnes, cataratas, unhas encravadas.

Apesar da distância que separa o mito europeu da realidade sofrida das populações cearenses, um forte elo de ligação entre eles foi encontrado por Bia Lessa. É a inclusão perturbadora da transcendência em todos os atos comuns da vida. *Crede-Mi* não é um filme agradável ou fácil. Sua narrativa áspera dificulta o caminho do espectador. Rude, implacável, poético, capturando a vida brasileira em estado bruto, *Crede-Mi* faz pensar nos limites da arte. Não é para todos os públicos. Mas tocará aqueles que se deixarem atrair por sua visão anticonvencional de problemas muito próximos (e muito distantes) de nós.

A.G.

▶ tão distantes e tão próximas. Não sabia, por exemplo, como lidar com o incesto, um tema importante da história e do filme. Mas as pessoas foram naturais, não têm medo das questões da vida.

Como convocou seus atores?

Por meio das secretarias de Cultura das cidades por que passamos. Às vezes tínhamos 300 pessoas, às vezes ninguém. Foi uma experiência rica. Iamos para a rua, interferíamos nas cidades. Filmamos em setembro de 95. O impacto era tão forte que parecia a primeira vez que fui a Paris. Esses atores são geniais. Pena é a influência da televisão. Todos querem ser Tom Cavalcanti. Mas pedíamos para eles para cantarem ou falarem como os avós. O resultado está na tela.

Que cinema quer fazer?

Enquanto rodava o filme, tive total noção da grandiosidade do teatro e a percepção de que ele é pensamento. Isso me encanta. No cinema me interessa a vida como é. Não quero cinema de estúdio. Isso o teatro me dá de forma genial. Em cinema quero a realidade. *Crede-Mi* é artesanal, cortado à tesoura, montado à mão.

Por que não trabalhou com equipe?

Porque não quis. A equipe é uma intermediária. Em cinema o que me interessa é o imediato. Em *Kafka* a equipe não entendia o que eu queria. Tanto que ainda não terminei o filme. *Crede-Mi* é como nós quisemos que fosse.

Como você vê o teatro hoje?

A prática teatral me desgastou. Futebol foi traumatizante. Em *O Homem sem Qualidades* nosso escritório virou uma 'Mesbla' com montes de funcionários. Não tínhamos mais controle. Não quero depender de intermediários para tudo que decido. Teatro pode virar uma angústia, uma mesmice. Resolvi fugir disso.

Como será *O Eleito* no teatro?

O Eleito será feito em uma tenda móvel que por dentro parece um pequeno Municipal. Vamos montá-la na Feira de São Cristóvão, uma feira nordestina que se realiza todo fim de semana no Rio, durante 36 horas. A ideia é fazer a tenda funcionar também por todo esse tempo com vídeos, cursos, teatro. *O Eleito* será um dos eventos. Vou precisar de atores radicais, dispostos a um mergulho profundo. A InterUnion vai custear a cabana-teatro. Buscamos agora um pequeno patrocínio para o espetáculo.

Qual a grande descoberta que fez no Ceará?

A crença daquele povo no sagrado me fez perceber que Deus só é Deus a partir do momento em que pode nos salvar. Isso na África e em Canindé também. É uma relação direta, visceral, com a vida. Ainda estou digerindo essa revelação.

Alberto Guzik



Arquivo/Al

Bia Lessa: "Vontade de ver a vida"

CINEMA

Bia Lessa recria Mann com toque cearense

Diretora faz filme baseado no livro 'O Eleito' com moradores do interior do Estado

VANESSA BARONE

Thomas Mann já não é um ilustre desconhecido para a população de cinco municípios do interior do Ceará. Durante um mês, a diretora Bia Lessa apresentou o texto de *O Eleito* aos moradores das cidades e fez um filme com a interpretação desses artistas amadores, num projeto de investigação teatral. "Queria muito ver a forma lúdica como essas pessoas trabalham e transformar folclore em interpretação espontânea", diz a diretora. Bia deixou que as pessoas contassem a história do jeito delas. "A idéia era fazer uma fusão cultural."

Para realizar o projeto, a diretora e o músico Dany Rolland filmaram cerca de 300 pessoas de todas as idades, entre bordadeiras, pescadores e trabalhadores rurais interpretando a obra que Mann escreveu em 1951, que narra a história do padre Gregório. A equipe de filmagem, formada por apenas duas pessoas, foi proposital. "Não queríamos, de forma alguma, interferir na rotina das pessoas para não lhes tirar a espontaneidade", explica Bia. "Foi a coisa mais emocionante da minha vida: além de fazer a pesquisa levamos um pouco mais de conhecimento a um povo carente."

Bia Lessa também pretende lançar um CD com a trilha sonora de *O Eleito*. Rolland foi o responsável pela coleta, ao vivo e com equipamento digital, de sons típicos do Nordeste. "Gravamos músicas inteiras, que serão apresentadas com suas sonoridades originais, sem colagens", garante a diretora. "Temos gravações de uma orquestra formada por crianças de até 5 anos."

O contato com a população pobre do interior do Ceará foi uma rica experiência pessoal para a diretora. Em Nova Olinda, Bia visitou o Museu do Homem do Ceará, onde a maioria dos funcionários é criança. "Eles têm até uma editora e escrevem livros", conta.

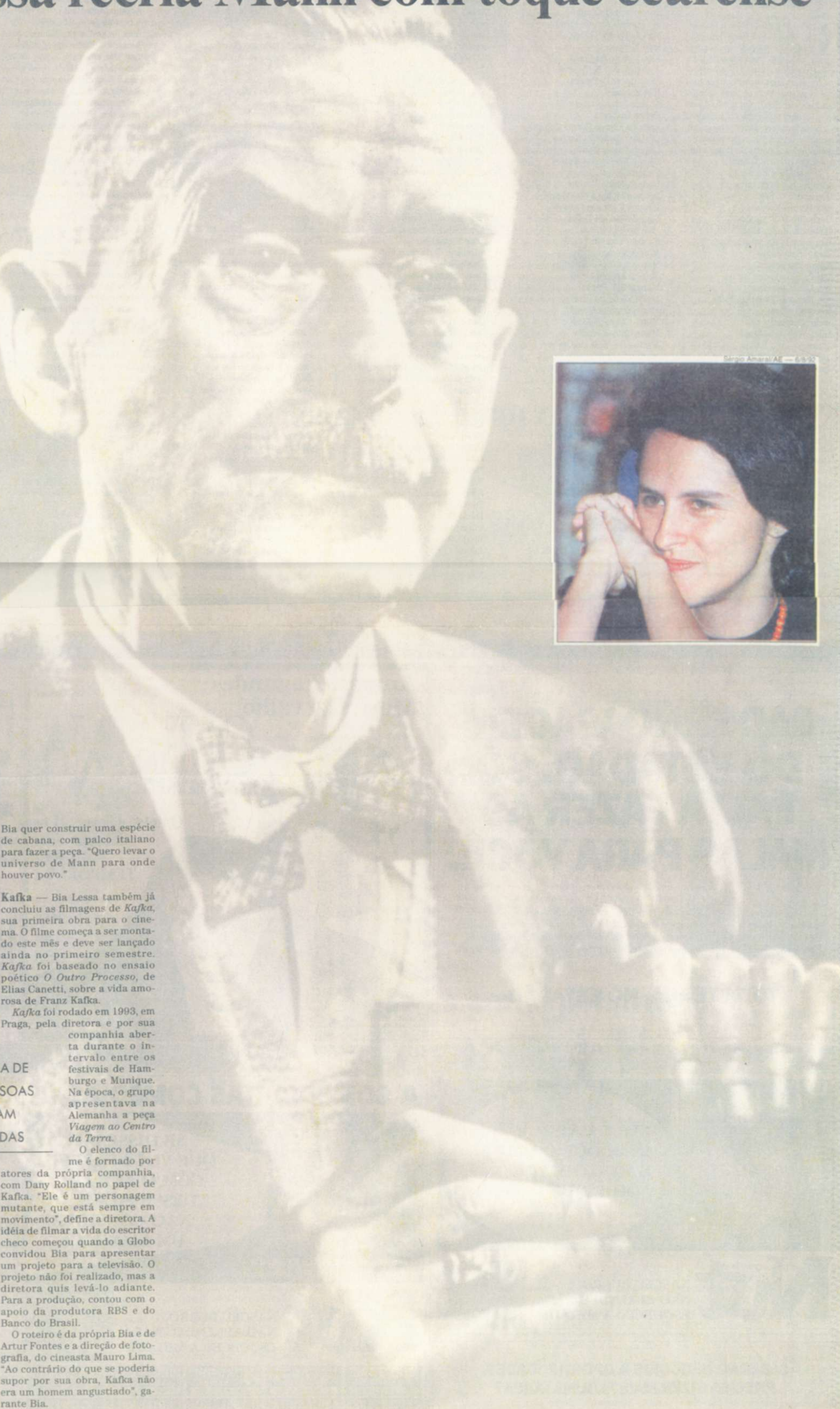
O Eleito se situa entre o documentário e a ficção. "Utilizei acontecimentos reais para algumas cenas", afirma Bia. Foi o caso da missa em homenagem a padre Cícero, realizada todas as sextas-feiras em algumas cidades do Ceará. "As pessoas saem às ruas vestidas de preto, é impressionante."

Lembranças — Bia guarda boas recordações dos atores que conheceu. "Descobri um jeito de interpretar generoso, quase expressionista, uma coisa completamente diferente do que já vi e mudou minha visão da narrativa teatral", admite.

O tema da religiosidade, tratado pelo texto de Mann, foi bastante desenvolvido pela diretora, que descobriu no Ceará inúmeras possibilidades de abordagem do assunto. "Eles falavam de Deus como alguém presente em suas vidas, não como algo distante", observa a diretora.

Com as filmagens prontas, ela aguarda patrocínio para finalizar a obra. A primeira etapa foi patrocinada pelo governo do Ceará e por empresas particulares. "Ainda não sei se teremos material para cinema ou se o transformaremos em um filme para a TV", diz. "O certo é que temos um riquíssimo documento da cultura popular."

Bia pretende montar também uma peça itinerante a partir do texto de Mann. "Faremos o espetáculo em um teatro desmontável que possa ser levado a todos os lugares", revela a diretora. A adaptação de *O Eleito* está sendo feita por Alberto Renault.



Bia quer construir uma espécie de cabana, com palco italiano para fazer a peça. "Quero levar o universo de Mann para onde houver povo."

Kafka — Bia Lessa também já concluiu as filmagens de *Kafka*, sua primeira obra para o cinema. O filme começa a ser montado este mês e deve ser lançado ainda no primeiro semestre. *Kafka* foi baseado no ensaio poético *O Outro Processo*, de Elias Canetti, sobre a vida amorosa de Franz Kafka.

Kafka foi rodado em 1993, em Praga, pela diretora e por sua companhia aberta durante o intervalo entre os festivais de Hamburgo e Munique. Na época, o grupo apresentava na Alemanha a peça *Viagem ao Centro da Terra*.

O elenco do filme é formado por atores da própria companhia, com Dany Rolland no papel de Kafka. "Ele é um personagem mutante, que está sempre em movimento", define a diretora. A idéia de filmar a vida do escritor checo começou quando a Globo convidou Bia para apresentar um projeto para a televisão. O projeto não foi realizado, mas a diretora quis levá-lo adiante. Para a produção, contou com o apoio da produtora RBS e do Banco do Brasil.

O roteiro é da própria Bia e de Artur Fontes e a direção de fotografia, do cineasta Mauro Lima. "Ao contrário do que se poderia supor por sua obra, Kafka não era um homem angustiado", garante Bia.

O escritor Thomas Mann e a diretora Bia Lessa (destaque): 'O Eleito', sobre a história de um padre, ganha interpretação espontânea e folclórica na voz de moradores de cinco municípios do Ceará

RAP

O grupo paulista Pavilhão 9 grava seu terceiro disco, 'Cadeia Nacional', experimentando fusão do rap com o rock. O CD deve ser lançado em junho. Última página



Daniel Garcia/AE



Lili Martins/AE

EXPOSIÇÃO

A artista plástica Adriana Ferla pinta a agitação das casas noturnas paulistas e exibe o resultado de seus "quadros dançantes" a partir de segunda, na mostra 'Bambarakatunga'. Última página



Luiz Paulo Lima/AE — 8/2/95

Tata Amaral dirige cena de 'Um Céu de Estrelas'

PRODUÇÃO NACIONAL TEM CHANCES

Diz responsável pela seleção latina

Peter Schumman, responsável pela seleção latino-americana do Fórum, está entusiasmado com o retorno do cinema brasileiro, "pois há quase 30 anos foi uma mostra retrospectiva do Cinema Novo brasileiro que deu origem ao Fórum do Cinema Novo no Festival de Berlim".

O filme *O Que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto, baseado no best seller de Fernando Gabeira sobre o seqüestro de um embaixador americano por guerrilheiros brasileiros, participa da competição principal do Festival de Berlim.

Outros oito filmes nacionais estão programados no Fórum do Cinema Novo, fora de competição. Da América Latina, só há mais dois filmes argentinos.

Os brasileiros são: *Um Céu de Estrelas*, de Tata Amaral, *Como Nascem os Anjos*, de Murilo Salles, *Carlota Joaquina, Imperatriz do Brasil*, de Carla Camurati, *Doces Poderes*, de Lúcia Murat, *Yndio do Brasil*, de Sílvio Back, *O Sertão das Memórias*, de José Araújo, *Crede-mi*, de Bia Lessa, e *O Cego que Gritava Luz*, de João Batista de Andrade.

Nesta entrevista ao JT, Schumman comenta que dos países latino-americanos o Brasil é o país que dá mais chances aos novos cineastas e diz acreditar que as produções nacionais têm chances de premiação.

Jornal da Tarde — O senhor acha que o cinema brasileiro renasceu?

Peter Schumman — Sim, não só pela quantidade de filmes, pois foram feitos cerca de 40 no ano passado no Brasil, como também pelas diferentes tendências, linguagens, talentos e estilos que podem ser vistos nesse novo cinema brasileiro. São cineastas jovens, a maioria com primeiros filmes. É também impressionante o número de mulheres cineastas. Acho que o Brasil é o país que dá mais chances a novos cineastas na América Latina. É o caso de Carla Camurati, Tata Amaral e Lúcia Murat. Teremos aqui em Berlim a presença de todos os diretores dos filmes brasileiros apresentados, além de uma grande delegação. Nós, do Fórum, temos muitas relações com o Brasil, pois nestes 27 anos mostramos muitos filmes não só no programa principal como nas mostras paralelas. Para nós é uma tradição trazer filmes brasileiros a Berlim.

O senhor esteve no Brasil para fazer essa seleção?

Sim, participei do Rio Cine Festival, em julho, quando vi uma boa quantidade de filmes que me estimularam a ponto de juntar oito filmes para trazer a Berlim.

O senhor acha que o cinema brasileiro poderá ganhar algum prêmio?

Não posso pronunciar-me quanto à competição, pois não vi todos os filmes, mas quanto ao Fórum acho possível haver prêmios para o Brasil.

Esses filmes teriam condições de ser exibidos na Europa?

Este ano, os filmes do Fórum, segundo acordos feitos, serão exibidos em outras cidades, como Munique, Hamburgo, Freiburg e Zurique, na Suíça, numa promoção dos Amigos da Cinemateca Alemã e Rio Filme.

O cinema latino-americano em geral também renasceu?

O cinema brasileiro é o único cinema latino-americano que está renascendo, pois é ruim a situação nos outros países. Em todo o Festival de Berlim só há mais dois filmes argentinos da América Latina. A Argentina é um país com bastante produção cinematográfica.

R.M.



Cena de 'O Que É Isso, Companheiro?': filme de Bruno Barreto concorre ao Urso de Ouro com 25 produções, algumas de diretores do primeiro time

Filmes brasileiros marcam presença em Berlim

'O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?' E OUTROS OITO FILMES PARTICIPAM DA 47ª EDIÇÃO DO FESTIVAL, QUE COMEÇA HOJE



Divulgação

'Doces Poderes', de Lúcia Murat



Divulgação

'Como Nascem os Anjos', de Murilo Salles



Arquivo/AE

Cena de 'Crede-Mi', de Bia Lessa e Dany Roland: promessa de delegação numerosa na capital alemã

MUDANÇA DE SEDE GERA CRISE

Diretor do festival deixa o cargo no ano 2000, quando evento troca de endereço

Diante da projetada transferência do Festival de Berlim para o enorme e moderno Centro Comercial, em construção na praça Potsdamer, na fronteira de Berlim ocidental com a antiga Berlim oriental, o diretor Moritz de Hadeln entrou em conflito com as autoridades berlinenses. Com sua intransigência em não aceitar a saída do festival do centro de Berlim, e seu funcionamento junto do Museu do Cinema, integrado no Centro Comercial em construção, o suíço Moritz e a cidade de Berlim encontraram um acordo — o veterano diretor, que já dirigiu o Festival de Locarno, deixará o posto no ano 2000, quando se efetivará a mudança do festival.

Essa crise mobilizou nos últimos meses a imprensa berlinesa e acabou envolvendo o ministro alemão dos Negócios Interiores, descontente com a intransigência do diretor. Serviu também para aflorar antigas divergências entre Moritz de Hadeln e o diretor da mostra paralela Fórum Internacional, Ulrich Gregoire.

Ulrich queixa-se de que o Fórum não tem o mesmo tratamento privilegiado da competição. Chegou-se a cogitar de deslocar a mostra para o verão, em julho ou agosto, como um segundo festival de Berlim, para jovens cineastas internacionais, enquanto a competição continuaria em fevereiro. As autoridades da cidade mos-

taram-se também insatisfeitas com a posição de Berlim entre os outros festivais, inconformadas em ocupar o terceiro lugar em destaque. Elas gostariam de que Berlim viesse logo depois de Cannes e não depois de Veneza. E surgiram críticas quanto aos critérios de seleção de filmes de Moritz de Hadeln. Não se fala do sucessor de Hadeln, dentro de três anos.

A mostra Panorama continua dirigida por Wieland Speck, que, além de novidades cinematográficas, mantém anualmente uma mostra internacional de cinema homossexual. Este ano, aborda a identidade homossexual na adolescência.

R.M.

A forte presença do cinema brasileiro é uma das grandes atrações do 47º Festival de Berlim. O evento começa hoje com o ex-ministro da Cultura francês Jack Lang na presidência do júri e com homenagem prevista para a atriz Kim Novak, de *Um Corpo que Cai*, símbolo sexual dos anos 50, quando trabalhou em *Férias de Amor*.

O *Que É Isso, Companheiro?*, de Bruno Barreto, baseado no livro de Fernando Gabeira que narra o seqüestro de um embaixador americano por guerrilheiros brasileiros, concorre ao Urso de Ouro com 25 filmes, alguns dirigidos por diretores internacionais do primeiro time.

Oito outros filmes brasileiros serão exibidos, com destaque especial, na mostra paralela Fórum Internacional. É quase certo que haverá prêmios para os brasileiros, afirma Peter Schumann, um dos responsáveis pela seleção dos filmes latino-americanos.

Entretanto, não será fácil para os brasileiros descolarem um Urso ou um prêmio paralelo. A safra de filmes deste ano é das melhores e assinala também uma importante presença francesa, além dos habituais americanos e ingleses. A França mandará Catherine Deneuve para defender o filme *Genealogias de Um Crime*, do chileno Raoul Ruiz. Claude Berri trará a bela Carole Bouquet para apresentar seu novo filme, *Lucie Aubrac*.

Ausentes nos últimos anos, a Warner e a Fox trazem diversos filmes a Berlim. É da Warner *Rosenwood*, de John Singleton, com o cowboy do asfalto Jon Voight. É da Fox *As Bruxas de Salem*, de Nicholas Hifner, com Daniel Day-Lewis e Wynona Ryder nos papéis principais, e *Romeu e Julieta*, de Baz Luhrmann, com a presença do ator Leonardo DiCaprio. Haverá Milos Forman com *O Povo Versus Larry Flynt*, e *O Paciente Inglês*, de Anthony Minghella, que recebeu 12 indicações ao Oscar. O inglês Richard Attenborough, diretor de *Gandhi*, estará presente com *In Love and War*, uma nova versão do famoso *Adeus às Armas*, de Hemingway.

A abertura do festival terá um cineasta de peso, já premiado duas vezes em Cannes e em diversos festivais, o dinamarquês Bille August, diretor de *Pelle*, *O Conquistador* e *As Melhores Intenções*. Desta vez, ele concorre em Berlim com *Smilla's Sense of Snow*.

Spike Lee retorna ao tema do racismo com *Get on The Bus*. Outro concorrente sério para Bruno Barreto poderá ser o polonês Andrzej Wajda, com seu novo filme, *Senhorita Ninguém*.

Sem concorrer a prêmios, será exibido *Marte Ataca!*, de Tim Burton. A atração do filme em Berlim será a presença de Jack Nicholson. O filósofo francês e agora cineasta Bernard-Henri Lévy mostrará *O Dia e a Noite*, com Alain Delon e Lauren Bacall, presenças confirmadas na capital alemã.

O filme de Bruno Barreto tem alguma chance diante de tanto gabarito anunciado? Uma simpatia pelo menos ele terá no júri — o ex-ministro Jack Lang é um socialista com uma queda pelo Brasil. Foi quem deu o prêmio para *Morte e Vida Severina*, no Festival de Nancy, há 30 anos.

Na versão alemã, o filme de Barreto chama-se *Os Guerrilheiros Estão Cansados*. Também estarão em Berlim os cineastas brasileiros Tata Amaral, Murilo Sales, José Araújo, Sílvio Back, Carla Camurati, João Batista de Andrade, Bia Lessa e Lúcia Murat.

Rui Martins, de Berlim, especial para o JT



Vitória (ES), sábado, 23 de novembro de 1996

VITÓRIA CINEVÍDEO

Thomas Mann no Cariri

Bia Lessa faz sua estréia no cinema adaptando obra de Thomas Mann para o interior do Ceará

Gabriela Piccolo

O que o universo moderno de Thomas Mann e o sertão do Ceará têm em comum? Para Bia Lessa, tudo. Seu filme de estréia, **Crede Mi** – que será exibido hoje, às 21 horas, no 3º Vitória Cinevídeo – foi baseado em livro de Mann, **O Eleito**, e adaptado para a realidade do interior cearense. De acordo com a programação do festival a cineasta estará presente hoje durante a exibição de seu filme, no Cine Metrôpolis, e amanhã, às 10 horas, participará de um debate com o público.

Ao lado do ator Dany Roland, Bia se deslocou para a região do Cariri e com uma única câmera Hi-8 registrou 40 horas de imagens. A idéia do filme surgiu através de um workshop que a diretora realizou no local. No filme – definido por Bia como uma ficção com momentos documentais – rendeiras, pescadores e artistas populares viram atores e recontam o texto de Mann. Só que dentro da realidade nordestina.

Para trabalhar o texto clássico do escritor com os habitantes do Cariri, Bia fez uso da memória. “Para afastar deles o modelo de atuação da TV, procurei fazê-los lembrar de experiências que tiveram”, explica a diretora, que diz ter travado com seus alunos uma relação profunda.

A equipe reduzidíssima foi um dos trunfos de Bia Lessa para extrair da população a interpretação mais natural possível. “Com uma só câmera conseguimos captar a realidade e não constranger as pessoas”, afirma. O elenco não era fixo e ia sendo escalado em cada cidade. Bia e Dany trabalhavam com as pessoas e situações que apareciam.

Essa imprevisibilidade acabou dando origem a situações engraçadas. Certa vez, um velhinho se apresentou como sendo um dos Irmãos Aniceto (músicos famosos na região). Bia fez duas horas de entrevista com ele e só depois foi descobrir que nem irmão ele tinha. Mas o resultado foi tão bom que o velhinho acabou virando personagem de **Crede Mi**, chegando até a abrir o filme.

Bia fala da estada no Ceará como uma das experiências mais ricas que já teve e lembra de alguns fatos que a emocionaram. Em uma cidadezinha, encontrou um museu de arte totalmente administrado por crianças. Em outra, conheceu uma emissora de rádio que transmitia um programa de música alternativa. “As pessoas têm um conceito errado de que o Nordeste é miserável. A região é pobre sim, mas eles têm uma cultura riquíssima, um conceito de estética apurado. São artistas”, observa.

Mas o que mais impressionou a diretora foi a relação do povo cearense com Deus. “Eles têm uma relação completamente moderna com Deus”, atesta a diretora, que afirma que é nesse aspecto que a realidade cearense se aproxima mais da obra de Thomas Mann.

A religião, aliás, está no centro da história de **O Eleito**. No livro, Mann conta a saga de um certo Gregório que, quando criança, foi deixado no mar pelos pais incestuosos e mais tarde acaba se casando com a própria mãe e se elegendo papa.

Detalhes do Vitória Cinevídeo no **Gazeta Online**:
<http://www.redegazeta.com.br>



Em **Crede Mi**, a população do Cariri reconta o clássico de Thomas Mann sob a mira de Bia Lessa: “Meu fascínio é pelo homem e não pelo personagem”



BIA LESSA

Crede Mi não é a primeira experiência de câmera de Bia Lessa. A diretora teatral, que já transpôs Júlio Verne (**Viagem ao Centro da Terra**) e Virginia Woolf (**Orlando**) para os palcos, fez o vídeo **Kafka: O Outro Processo**, em Praga, com sua companhia teatral, durante o intervalo de uma turnê na Alemanha. A vontade agora é de fazer mais filmes. O próximo tem o título provisório de **Brasil** e se propõe a mostrar o homem brasileiro no final do milênio. E o teatro? “Atualmente, me interessa mais por homens que personagens. Quero retratar a realidade, e isso é possível através de cinema”, explica Bia Lessa, deixando claro que não pretende abandonar o teatro.

– **O que Thomas Mann tem em comum com o interior do Ceará?**

– Quando comecei a fazer a pesquisa para o projeto (que seria inicialmente para teatro), em vez de pesquisar as contradições humanas no livro resolvi ir pessoalmente conferi-las e fui para a região do Araripe, no sertão cearense. Fui em busca das tradições. Chegando lá fiquei ainda mais surpresa: como no livro de Mann, lá a relação de proximidade do sagrado com o profano é enorme, e a forma com que eles se relacionam com Deus é absolutamente moderna.

Essa modernidade tem uma relação estreita com o livro de Thomas Mann.

– **Como foi a preparação dos atores locais?**

– Realizamos um workshop com os habitantes. Eu não queria atores. O trabalho deveria ser de representação. Tive uma relação profunda com os alunos, foi emocionante. Nós encontramos “atores” em cada lugar que fomos, o elenco sempre mudava. Adaptamos a realidade que encontramos às necessidades dos filmes.

– **Como foi trabalhar um texto clássico com os habitantes do Cariri?**

– Eu queria afastar os modelos da TV. Para isso, fizemos um trabalho de memória. Eu perguntava a eles como suas avós lhes contariam a história de Thomas Mann e a coisa fluía. Foi um trabalho em cima da memória.

– **Aconteceu algum fato engraçado?**

– Muitos. Um dia na igreja estávamos gravando uma cena em que as pessoas diziam: “Milagre!”. No mesmo momento, os fiéis levantaram e começaram a rezar. Outra vez um velhinho se fez passar por um dos Irmãos Aniceto (grupo de músicos famosos de lá). Fizemos duas horas de entrevistas e só depois fomos descobrir que ele não tinha irmão e não era o tal músico. Mas ele se saiu tão bem que acabou virando um dos principais personagens do filme.

– **O que você viu de curioso no Cariri e que está no filme?**

– Certa vez, gravamos um parto. A mulher não gritava um só segundo. A reação dela veio depois que a criança nasceu: aconteceu o que eu classifico de encontro com o sagrado. Ela levantou as mãos para o céu e disse que Deus estava nela. Foi emocionante. Em outro momento do filme, uma menina diz um texto que considero da mais extrema erudição: “Quem é Deus para julgar o homem”. Essa erudição eu encontrei muito lá. Pude ter a noção de que o Nordeste que conheci não corresponde à imagem que todos fazem. É pobre, mas não miserável. Lá eles têm um conceito de vida rico, têm um senso de estética apurado. São artistas.

– **Fazer **Crede Mi** com uma equipe mínima prejudicou ou ajudou as filmagens?**

– Com certeza ajudou. Esse filme só foi possível por causa disso. Com a equipe reduzida as pessoas não se constrangiam. É intervir na realidade com uma equipe grande seria mais difícil. Como estávamos com a câmera o tempo todo, conseguimos captar o imediato.

– **Teatro ou cinema?**

– Comecei a ficar exaurida das metáforas infinitas que o teatro te obriga a fazer. Queria ir

atrás da realidade. Não que eu tenha me cansado do teatro, mas agora estou mais interessado em homens que em personagens. Por isso quero locações e pessoas reais. Com atores seria como fazer teatro. E o cinema é a grande arma para captar a realidade.

– **Como foi a experiência de filmar **Kafka: O Outro Processo**, em Praga?**

– Foi muito importante, um exercício para o que estou fazendo agora. Fizemos **Kafka** (que virou um vídeo) inesperadamente. Estávamos em turnê na Alemanha com e filmamos durante o intervalo entre dois festivais. O resultado foi maravilhoso. Na nossa versão, que foi baseada em suas cartas de amor, ele é uma pessoa leve, bem-humorada.

– **Quais são seus projetos?**

– Em dezembro começam as filmagens de meu segundo longa, **Brasil** (título provisório) que será um pouco mais audacioso na pesquisa de linguagem. Vamos sair em várias cidades do país entrevistando as pessoas. O que me interessa é pensar o homem brasileiro neste final de milênio, sem necessariamente dar um enfoque político ou econômico. Quero desvendar seus costumes e mistérios. Tenho ainda um projeto de um monólogo ou show com a Hanna Schigulla.

Cinema/crítica

O Cangaço intimista

Corisco e Dadá, seca, miséria e violência pela ótica de um herói existencialista. Atracção do Vitória Cinevídeo, o filme ainda vai entrar em cartaz

Alexandre Curtiss



Chico Diaz e Dira Paes: protagonistas de uma história que mistura cangaço e filosofia

cangaço, ele fez cinema. Tirou da realidade alguns elementos que julgou mais significativos e construiu uma história diferente. Isto nem sempre é compreendido pela parte do público que gosta de ver uma obra linear, uma narrativa padrão.

A opção pela representação não realista tem seus méritos e envolve muitos desafios. Por isso, além dos combates contra os “macacos”, da violência contra inocentes, das pilhagens e demonstrações de temeridade, os cangaceiros de **Corisco e Dadá** filosofam e sofrem. Aparecem como pessoas que se revoltam com o destino e buscam saídas (desesperadas) para uma dor que tem o tamanho e a cara da seca da região. Os instrumentos privilegiados dessa busca são as armas, a violência e o misticismo religioso.

me dá um tratamento fragmentado à sucessão dos fatos e ao espaço geográfico. É um recurso calculado, que causa uma impressão visual instigante, mas também provoca o estranhamento. Serve para destacar os heróis do contexto, para ressaltar a ingloria rebelião do cangaço. Mas para olhos menos pacientes, e mentes menos abertas, são motivo de incômodo.

Os riscos dessas opções também atingem os atores. Corisco (Chico Diaz) e Dadá (Dira Paes) foram premiados nos festivais de Gramado e Brasília. Mesmo assim, muitas vezes eles são forçados a uma representação teatral, de gestos e falas com cara de palco. O mesmo vale para a narradora (Regina Dourado), responsável pelo veredito moral dos heróis.

Acima das virtudes e defeitos, **Corisco**

Uma Verdadeira Revista de Decoração. Interativa.



Visite a Casa Cor 96 - mostra de decoração, arquitetura e paisagismo, realizada pela primeira vez no Espírito Santo. Todos aqueles ambientes que você achava que só existiam nas páginas das revistas, ao vivo e a cores. Mas venha logo, porque é só até 1º de dezembro.

Adriana Mattos e Cristina Santos - Adega • Ana da Glória Costa Caiado - Jardim Interno • Ana Maria Martins e Christina Barros - Home Theater • Ângela Sandri e Regina Celi Pinto - Snack Bar • Augusto Pacheco Saletto - Quarto de hóspedes • Belkis Dutra e Sônia Tosi Roquette - Loja • Bernadette Nascif e Maria Cecília Jahel Nascif - Escritório • Célia Colodetti e Maria Tereza Amaral Nader - Sala de Almoço • Cleinha Galvêas, Margarida Nader e Kathya Rocha - Varanda Entrada • Daniela Muniz e Eduardo Rosalem - Hobby do Homem • Dorotéia Perini e Teresa Cristina Bressan - Praça • Edna Kautsky Endlich, Marlúcia Selga Alvarino e Bebel Mariotto - Quarto do Rapaz • Elza Pinto - Quarto e Closet da Menina • Fátima Arpini Camargo e Ana Marsiglia Araújo - Lavabo • Fernanda Julião Regiani - Escritório da Decoradora • Gisele Dias Curtinhas e Adriane Chiappani - Banheiro Público Feminino • Jane Diniz, Luiz Carlos Berriel e Ana Laje Carvalho - Varanda Interna • Jacqueline Barros e Karla Bichara - Copa • Kátia Rezende e Cristina Thevenard - Gourmeteria • Lígia Diniz Furtado e Carlos Alberto Pazzaglia - Banheiro do Casal • Lilian Rocha - Cozinha • Magda Colodetti e Renata Sudré - Banho Menino • Márcia Zanotti e Carmen Júlia Noé -

Folha da Manhã

Folha2

As relações humanas

"Crede + Mi", filme de Bia Lessa e Dany Roland, vai ser exibido hoje, seguido de debate. É inspirado em "O Eleito", de Thomas Mann, que retoma lenda palaciana de Gregorius Stein, de Hartmann von Aue. Trata-se de um cavaleiro concebido incestuosamente que, sem saber, acaba casando-se com a própria mãe. Segundo o crítico alemão Frido Mann tem "alto valor artístico", face às condições que tiveram para filmar.



Fotos: Maria Borba

Bia mostra "Crede+Mi" aos campistas

DEBORA BATISTA

Campos produz cinema? Esta pergunta está sendo realizada pelo Laboratório de Pesquisa e Tecnologia da Imagem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense. "Queremos tomar conhecimento de tudo o que não apenas Campos, mas toda a região Norte Fluminense fez e tem feito pelo cinema", informa o diretor de cinema Geraldo Sarno, chefe do LPTI da Uenf. Para tanto, ele promove uma reunião hoje, no período da tarde, a acontecer no Salão de Multimídia da instituição de ensino. Estará em Campos a diretora de teatro e cinema Bia Lessa, que junto de Dany Roland lançou o filme "Crede+mi". Este longa-metragem será exibido às 18h, seguido de debate.

Estarão presentes tanto a diretora Bia Lessa quanto o próprio Geraldo Sarno, autor de "O Coronel Delmiro Gouveia", "Viramundo", "Iaô", entre tantos filmes de ficção e documentários.

No evento programado para hoje será apresentado o projeto "Resgate da Memória Cinematográfica da Região Norte e Noroeste Fluminense", desenvolvido pelo professor Aristides Arthur Soffiati Netto, do Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico do CCH, Uenf. Tem na coordenação e execução a responsabilidade de Sarno.

Mão na massa — O projeto visa reunir, identificar e reproduzir a produção cinematográfica realizada nos municípios da região. "Queremos reconhecer o trabalho cinematográfico realizado por pessoas da localidade, como também ter conhecimento de filmes em que a região esteja focalizada de alguma maneira", explica o coordenador do projeto. Cineastas amadores como Ricardo Pessanha, Antônio Roberto Fernandes, Winston Churchill Rangel, José Eduardo Linhares, Paulo Barreto e o ex-crítico José Amado Henriques são exemplos de quem investe na arte.

A maior parte de todo este material se encontra dispersa, perdida na mão dos próprios amadores ou de colecionadores de até mesmo outros municípios. Muitos se encontram fora da região. Por falta de recursos financeiros e de conhecimentos técnicos, o estado de conservação pode ser precário. O Laboratório da Imagem pretende organizar um arquivo com todo este acervo cultural, além de divulgá-lo e preservá-lo. Os amadores, com certeza, só terão a ganhar.

Também é intenção dos idealizadores do projeto registrar todo o patrimônio cultural existente na região. "Não queremos tomar nada de ninguém. Queremos ter conhecimento de equipamentos, filmes de curta metragem de caráter ficcional e documentários em super 8,16 milímetros e vídeos", garante Sarno, acrescentando que pretende estabelecer uma relação mais firme entre pessoas que se interessam por cinema. "De repente, as pessoas têm em suas casas ótimos instrumentos para fazer cinema e não se dão conta disto. Poderão alugá-los ou emprestá-los e até mesmo utilizá-los", explica.

O projeto inclui a reunião de críticas cinematográficas, publicadas regularmente pela imprensa regional no tempo do apogeu das salas de exibição. Ainda é intenção do LPTI restaurar as películas, fazer levantamento de documentos jornalísticos sobre o cinema na imprensa regional, restaurar e prote-

ger os bens móveis e promover a divulgação do material que foi coletado e recuperado pelo cine clube da universidade.

A proposta do projeto prevê a promoção de festivais e mostras cinematográficas. Com isto pretende-se estimular que novas produções sejam preparadas e novos talentos venham à tona. Afinal, basta ter uma câmera na mão e uma ideia na cabeça para conquistar o mundo. É interessante lembrar que na época dos anos 70 foram realizados diversos festivais de cinema em Campos.

Etapas a serem cumpridas — Os objetivos são reunir, identificar, reproduzir a produção. Restaurar as películas. Levantar os escritos jornalísticos na imprensa. Coordenar, reunir, restaurar e proteger os bens móveis concernentes à história do cinema na região. Promover a divulgação do material coletado e recuperado em ambientes apropriados. Promover festivais.

Para executar com sucesso este projeto, a equipe envolvida pretende tomar o município de Campos como ponto de partida, já que é nele que se encontra o campus da Uenf. Através deste encontro programado para a próxima semana, a equipe quer reunir os produtores cinematográficos. Pretende também entrevistá-los e obter originais ou cópias que permitam a reprodução para o acervo do núcleo e para a restauração do documento a ser devolvido.

Também tem em mente colher depoimentos a respeito da história do cinema regional e de outros produtores. De preferência, documentos registrados por processos magnéticos.

Serão realizadas várias pesquisas nas bibliotecas municipais, nos arquivos dos jornais regionais, por estagiários da Uenf. Estes mesmos estagiários serão responsáveis por localizar, identificar, restaurar e obter bens relacionados à história do cinema regional.

O passo seguinte é publicar catálogos dos produtos, ampliar a pesquisa para outros municípios da região norte-noroeste do estado, divulgar o acervo cinematográfico e paracineamatográfico mediante exposições e exposições para, então, promover palestras, seminários, mesas-redondas e eventos afins.

Boa pedida para os cinéfilos — Hoje, paralelamente a este evento, serão reiniciadas as atividades do cine clube, que representa uma das únicas opções para os cinéfilos campistas, que têm a oportunidade de uma vez por semana participar, debater e discutir filmes exibidos.

A situação de Campos, que não possui nenhuma sala de exposições, é lastimável na opinião do diretor Sarno. "Não acredito que o público campista desvalorize o cinema. O problema existe porque a cidade não possui empresários que queiram investir nesta área por aqui", comenta. Logo depois ficaria satisfeito ao tomar conhecimento de que a cidade terá mais dois cinemas a partir de junho, através de investimentos de empresários de Minas Gerais.

Em relação ao cinema nacional, Sarno se mostra contente. "Os filmes brasileiros estão voltando não só às telas de cinema, mas estão presentes nos grandes festivais internacionais. Isto é muito estimulante, reativador, traz novos produtores", comenta Sarno. Em sua opinião, o Brasil tem grande capacidade de produzir bons filmes e fazer bom cinema. E Campos também.



O filme, segundo avaliação dos diretores, é a narração expressionista de "O Eleito", de Mann, feita pelos habitantes do Ceará



IOGA



Instituto de IOGA de Campos

Direção:
Luciana Espinosa

Rua Conselheiro Otaviano, 68
Shopping casario sala 09
Tel: 22-4754

CADERNO 2

ANO IX NÚMERO 3.509 □ TERÇA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO DE 1996



Columbia Pictures investe no Brasil

A major soma cerca de US\$ 10 milhões aplicados em filmes nacionais. Pág. 2



Emanuel Araújo expõe na Capital

O escultor abre hoje mostra de 16 obras na Galeria Nara Roesler. Pág. 5



'Segredos e Mentiras', de Mike Leigh: na abertura



'Kristin, Amor e Perdição': direção de Léo Ulmann



'Afinidades Eletivas': criação dos irmãos Taviani



'Quem Matou Pixote?', de José Joffily: premiado



'Livro de Cabeceira': exibição em São Paulo



'Fetico': atração da mostra Midnight Movies



'Bonequinha de Luxo': Tesouros da Cinemateca



'Waati': produção africana

O premiado ator Kevin Spacey, que deve chegar ao Rio dia 25, é a grande atração do festival

ADRIANO SCHMID
Especial para o Estado

Kevin Spacey, premiado com o Oscar de melhor ator coadjuvante pela atuação em *Os Suspeitos*, é a principal atração da 8ª Mostra Internacional do Filme — Mostra Rio, que será realizada de quinta-feira até o dia 30 em dez salas de cinemas do Rio. Spacey deve desembarcar no Brasil no dia 25, para divulgar o filme que acabou de dirigir, *Albino Alligator*.

Presente no Festival de Deauville do Cinema Americano, realizado na semana passada, Spacey tornou-se um dos atores mais requisitados dos Estados Unidos. Afinal, além do Oscar, ele está com três filmes novos.

Ele foi ao festival para divulgar *Albino Alligator*, além de *A Time to Kill*, dirigido por Joel Schumacher. Produção independente, *Albino Alligator* (Jacaré albino) se refere a uma manobra de sinuca, na qual você deixa o adversário encaixar uma bola para que na próxima jogada você esteja com a bola branca numa posição favorável.

Essa sua estréia na direção, à maneira de *Um Dia de Cão*, mostra a história de um bando de as-

saltantes (entre eles Matt Dillon e Gary Sinise), que, ao ser cercado pela polícia em um bar, decide manter como reféns os fregueses e a dona do estabelecimento, interpretada por Faye Dunaway.

Spacey chamou a atenção pela primeira vez em 1988, como Mel Profit, um dos vilões mais marcantes do seriado *O Homem da Máfia*. Três anos depois, o reconhecimento veio em outra área, o teatro: o Tony de melhor ator pela peça *Lostin Yonkers*, de Neil Simon.

Seus papéis no cinema variaram: o chefe dos corretores imobiliários de *Sucesso a Qualquer Preço*, o vizinho psicopata de *Jogos de Adultos*, o cientista de *Epidemia* e, mais recentemente, o produtor neurótico no inédito *Swimming with Sharks*, que ele também co-produziu. Antes desta entrevista, concedida em Deauville, Spacey já demonstrava grande curiosidade pelo Brasil, querendo uma segunda opinião sobre o que já haviam lhe contado. Nesse espírito, a primeira pergunta foi rela-

cionada ao seu trabalho com um brasileiro.

★ Estado — Você trabalhou com o diretor Bruno Barreto em *Assassinato Sob Duas Bandeiras*.

Kevin Spacey — Meu Deus, foi há tanto tempo! Esse foi um de meus primeiros papéis no cinema... Mas não acho que o filme seja bom, nem acho que eu esteja bem nele. A produtora Paramount nem o lançou nos EUA, simplesmente o enterrou. A história era muito interessante, complexa, sobre problemas políticos ocorridos em Porto Rico. Talvez em seu país tenha feito sucesso, mas nos EUA...

■ Mais informações na página 3



MOSTRA RIO



Cena de 'Crede-Mi': primeiro longa de Bia Lessa



'Um Céu de Estrelas': direção de Tata Amaral



Marisa Orth e Tuca Andrada: 'Doces Poderes'



Kevin Spacey: estréia na direção

Folha da Manhã

Folha 2

Reviver Darcy Ribeiro

Após terminar o filme *Credi+Mi*, Bia Lessa constata: "voltei de lá (Nordeste) diferente. Sou uma nova mulher agora." Logo em seguida observa que era acostumada "a estudar o homem pelos livros. No Ceará eu estudei de uma maneira antropológica." Ao chegar à Uenf, Bia se emocionou ao lembrar a figura de Darcy Ribeiro. E do diretor Geraldo Sarno ganhou um xerox do plano original da universidade.



Bia penetra na alma do povo brasileiro

DEBORA BATISTA

"Eis-me aqui, preparando-me para narrar uma história horrível mas ao mesmo tempo altamente edificante. Todavia não se sabe em que língua falo, mas sobre as línguas ergue-se a linguagem". Com esta frase, Bia Lessa, diretora de teatro e ópera, caracteriza seu trabalho como autora de filmes. Ela estreou com o filme *Crede+Mi*, que nasceu sendo obra do acaso. O filme foi exibido na noite de ontem na Sala de Multimídia do Centro de Ciências do Homem, na Universidade Estadual do Norte Fluminense. Bia Lessa esteve em Campos a fim de participar da inauguração do projeto "Resgate da Memória Cinematográfica da Região Norte Noroeste do Estado", desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa e Tecnologia da Imagem, da Uenf, chefiado por Geraldo Sarno.

Sinopse — O filme conta a história de um casal de gêmeos que pratica incesto. Desta união surge um filho. Com grande sentimento de culpa, o pai da criança foge e a mãe o abandona num cesto ao mar. O bebê é encontrado por pescadores. Cresce tendo uma boa educação. Casa-se com uma rainha e descobre subitamente que ela é sua mãe. Horrificado, o casal se separa. O rapaz inicia uma longa peregrinação no deserto. Um dia se torna Papa. É visitado por uma mulher que diz ter pecado muito na vida e lhe pede perdão. Reconhece a figura da mãe/mulher e diz que ela não tem pecados.

Alemanha e Ceará — Bia Lessa dirige o filme com o auxílio de Danny Roland no Ceará. Tem como inspiração o livro "O Eleito", do alemão Thomas Mann, que por sua vez se baseou nos versos de Hartmann von Aue "Gregorius von Stein", narrando uma lenda palaciana.

Bia não pensava em ir tão longe. Não era sua intenção fazer um longa-metragem. Apenas queria estudar para desenvolver sua peça teatral da melhor maneira possível. Porém, não foram apenas as habilidades artísticas dos dois cineastas ou a dramaticidade de Thomas Mann que fizeram do filme um sucesso em crítica. A característica mais interessante do longa-metragem é a forma como acontece uma permuta de culturas. É o encontro da cultura brasileira com a não-brasileira. Bia e Danny apostaram na proposta de atuar unindo culturas sem criar uma promiscuidade cultural. "É uma delícia ver o povo brasileiro do interior do Ceará, sem dentes, fazer o papel de reis e rainhas europeias", comenta a cineasta. "Era o máximo ouvir as vozes melodiosas, cantadas daquele povo".

Bia conseguiu relacionar uma cultura com a outra, contrastando toda a culpa sentida pelos leitores, pelas entrelinhas do texto de Thomas Mann, com a grande religiosidade dos cearenses. "É incrível a crença daquele povo, eu sempre cresci tendo medo do pecado. A igreja com aquelas imagens enormes me traziam mais medo que paz. No Ceará Deus é um amigo. É humano também".

A cineasta aprendeu durante as gravações, a ter uma relação mais íntima com Deus. "Não precisamos abrir mão da humanidade para estar perto de Deus. O homem que é eleito Papa no filme é o maior dos pecadores. Foi ele que conseguiu estar mais próximo de Deus, reconhecendo quão humano era", revela Bia.

Instrumentos de trabalho — Não existe nenhum ator badalado estrelando no



Fotos: Genilson Pessanha

Logo ao terminar o filme, Bia chegou à conclusão que deve fugir sempre da ficção e entrar de cabeça na realidade crua

filme. Os personagens são vividos por vários atores amadores, encontrados nas cidades por onde a dupla de pesquisadores passou. Juazeiro, Crato, Canindé, Camocim, serviram de cenários para a lenda que envolve duques e rainhas.

Como a intenção inicial estava muito distante de fazer cinema, Bia e Danny viajaram com uma câmera na mão e uma idéia na cabeça. "Foi ótimo fazer o filme assim, sem

toda aquela traquitana do cinema-indústria. Todos aqueles aparelhos são um peso. É como se fosse uma prisão em vez de libertação", comenta a cineasta. Ela conta que foi ótimo trabalhar sem planos, sem horários. Seguiu as oportunidades que aparecia. E eram várias.

— Uma vez acordamos cedo para gravar e demos de cara com a cidade inteira acordada às cinco horas da manhã, vestida de pre-

to, descalça, caminhando no mesmo sentido. Procurei saber o que era e descobri que era uma missa em homenagem a Padre Cícero, que acontece mensalmente, todo dia 20, quando o sol nasce e quando o sol se põe — conta Bia.

A pequena equipe trabalhou duro. Os recursos foram mínimos e o preparo também. "Como eu só tinha uma câmera HI-8 na mão, não podia ver as imagens que eu tinha. Tive

que esperar até chegar a uma ilha de edição para ver o que tínhamos produzido. Estávamos na maior expectativa", informa. Somente quando chegaram à ilha e fizeram a montagem perceberam que tinham em mãos um longa-metragem. "Saí para fazer uma pesquisa, descobri que estava fazendo um documentário e no final me surpreendi com um filme!", conta a teatróloga que virou cineasta.

Material cultural — Em nenhum momento Bia ou Danny temeram perder todo o material. Primeiro porque apesar de amadores estavam seguros em relação ao próprio potencial. Em segundo lugar, mesmo que o trabalho fosse inaproveitável, a bagagem cultural adquirida na viagem compensaria os dezenove dias de exílio em terras cearenses. Foram 5 mil km rodados e muita experiência positiva.

"Voltei de lá diferente. Sou uma nova mulher agora", diz Bia, em entrevista exclusiva para a **Folha da Manhã**. "Eu era acostumada a estudar o homem pelos livros. No Ceará eu estudei de uma maneira antropológica. Vivi com eles. E isto foi formidável". A experiência deu ao casal a oportunidade de tocar na vida. De fugir da ficção e viver a realidade. "Estou cansada de representações. Quero realidade agora. Com o cinema eu posso ter isto. Com o teatro não podia", desabafa a cineasta.

Bia voltou encantada por descobrir a riqueza da palavra dita pelos pescadores, mesmo que a frase não fosse bem interpretada. As marcas, o olhar humilde, o sorriso franco. Tudo isto valeu a pena. Os cineastas deixaram as terras cearenses encantados com a erudição da cultura local.

Ceará roda o mundo — Mesmo que o filme não fosse sucesso, Bia e Danny estariam felizes. Agora que o filme já é sucesso, eles têm motivos de sobra para sorrir de orelha à orelha. Tendo lançado o filme desde outubro, o casal de cineastas esteve no Festival de Berlim, pois *Crede+Mi* foi um dos filmes escolhidos para representar o Brasil: "A gente esteve na Alemanha, na casa de Thomas Mann. Isto foi incrível, porque quando o filme acabou, descobrimos que criamos um diálogo entre o Brasil e a Alemanha.

E agora, eles estão criando diálogos entre outras culturas. Foram convidados a visitar a China, o Japão, a Grécia, São Francisco, Nova York, Boston e Austrália. "Agora que estamos trabalhando o filme. O fim está se tornando o começo", reflete a cineasta, pensando no novo trabalho que terá pela frente.

De volta da Alemanha há menos de duas semanas, Bia Lessa sente-se feliz por estar em Campos. "Nunca vim à cidade, mas ouvia falar demais dos campistas. De verdade! Ouço de diretores de teatro, da cultura da cana, dos engenhos, dos doces... Adorei a Uenf. É ótimo saber que existe um lugar onde as pessoas investem em pesquisa de ponta. Cada um deve investir ao máximo em sua área".

Porém, visitar Campos trouxe saudades. Saudades de Darcy Ribeiro. "Acho que foi uma pena perder Paulo Francis e logo depois Darcy. Sou uma fã dele e senti muito. Vocês aqui nem imaginam como repercutiu a morte dele no exterior". Mas ela deixa a cidade feliz. Levará debaixo do braço uma xerox do plano original de Darcy para a Uenf, presentes de Sarno.



O Colégio Batista Fluminense oferece pré-vestibular de nível, com a melhor equipe de professores, além do convênio com o Positivo e outras vantagens; prêmios em viagens, aulas aos sábados, monitoria, aulas extras e seguro Vestibular. Tel- 22-5672

SEGUNDO CADERNO

ARNALDO JABOR

Você já foi à Bahia, ver o Projeto Axé? Não? Então vá! Todos os prefeitos do Brasil deviam ir ver o Projeto Axé, em Salvador. Vai lá, Conde; vai lá, Pitta; vão lá fulano e sicrano... Vai lá, PFL; vai PT. Todos precisamos de uma aula de administração pública, de uma aula de imaginação contra a burrice burocrática. Milhares de crianças de rua já foram salvas, integradas na cultura da cidade. Talvez só em Salvador pudesse ter nascido essa idéia. A música, os rituais, o sincretismo, tudo leva a uma liberdade maior de invenção. Do chão, sai esse sal da África, esse "axé", há 400 anos. Os intelectuais que realizam esse projeto enxergaram o óbvio: nenhuma fórmula antiga resolve um problema novo. Só a imaginação dá conta do absurdo. O absurdo de crianças de 4 anos vagando pelas ruas não pode ser atacado por vias "humanistas" tradicionais. Os meninos de rua é que ensinaram os educadores "como" deviam ser ajudados. A criança é que pergunta: quem é você que quer me ajudar? O educador do Projeto Axé começou questionando o próprio desejo de fazer o Bem.

Miséria fora do lugar

Todo mundo que fala da miséria não vive nela. Os que vivem não falam. Ninguém sabe bem por que é contra a miséria. Em geral, tecemos uma colcha de retalhos feita de culpa, caridade, horror estético, mania de limpeza, obsessão, medo, ódio aos pobres, amor a si mesmo, militância burra ou até mesmo fascismo purificador. Ninguém pergunta ao miserável como quer ser tratado. O miserável é nosso objeto; não um sujeito. Miseráveis não têm desejo. Para eles, bastam os galpões de abrigo, as sopas, os banhos de desinfecção, a invisibilidade. Temos de tirá-los das ruas por uma questão de urbanismo. Se não vissemos os pobres, tudo bem, pensa nossa hipocrisia. Mas o que aflige nossos corações burgueses é que os meninos de rua teimam em sair da periferia e das favelas longínquas e vêm passear nos centros. Eles são a miséria fora do lugar. Tudo fica imperfeito com sua presença. Os mendigos velhos são fáceis de engolir: "Ahhh... vagabundo, bêbado... acabou assim", dizemos. Já o menininho te olhando do meio-fio é mais difícil. Com os mendigos velhos, a culpa é deles. Já com os meninos de rua, a culpa é nossa. Os meninos de rua desorganizam nossa paisagem. Com os meninos de rua, ficamos muito expostos. Eles nos ameaçam com sua fragilidade. O menino de rua se acha normal. Nós é que nos sentimos anormais em sua presença. Ele vira um problema existencial para nós.



Milena Beffa

Novos prefeitos do Brasil precisam ir à Bahia

O Projeto Axé para meninos de rua é uma aula de inovação política

A razão suja

Diante desse absurdo que nos olha em todos os sinais de trânsito, em cantos de vitrine, em portas de igreja, o Projeto Axé jogou fora o totalitarismo purificador das soluções higiênicas. Jogou fora a piedade, a caridade, a linearidade dos processos e partiu para a invenção. Sacaram: 1) Não adianta es-

perar o todo para resolver a parte. 2) Não adianta contar com a sentimentalidade branca; só a miséria ensina os caminhos. 3) Não adianta trabalhar sem imaginação; só com atalhos (*by passes*). 4) Contra a resistência "molar", só as ações "moleculares". 5) Não adianta contar com a velha bondade positivista e isolacionista. 6) É preciso incluir as

modernas descobertas da ciência social na prática.

O Projeto Axé não tira ninguém das ruas, como quem esconde a sujeira. O Axé vê a miséria como o outro lado de um erro. É uma psicanálise de campo, despertando nos meninos pobres a idéia de que eles podem desejar, podem ter projetos e não ser apenas escravos fugitivos do desejo dos outros. "Quem sou eu? Que quero eu?", perguntam os meninos que encontraram o Axé. Eles têm de nos ajudar a salvá-los, porque eles são nosso sintoma, nós fazemos parte do erro onde eles são a "parte suja". Através deles entendemos a crise de nossa razão.

Jovens sem inocência

Uma visita ao Projeto Axé me deu a vontade de ter sido educado por eles. Os meninos de rua que fazem roupas, tecidos, cerâmicas e estamparias, estudam, lêem, fazem teatro e dança têm os olhos mais sábios e fundos que os meninos *caretas* e protegidos das escolas particulares. Essas crianças são jovens, lindas, esperançosas mas não são inocentes. Já beberam a água suja dos rios.

Os educadores todos são profissionais recebendo salários decentes, sem cristianismos fáceis nem bondades autoritárias. Não há lugar também no Axé para "basismos" e militâncias tradicionais. Ninguém está ali para fazer daquilo uma plataforma para nada. Aquilo é aquilo mesmo, o fim é a coisa mesma. Não há qualquer fim além do desejo de fazer viver. O custo de uma criança no Axé por mês é dez vezes menor que o custo de uma criança no corredor kafkiano da burocracia e nos depósitos sujos de menores. Antes de mais nada, o Axé é uma boa idéia! Só se pode fazer política hoje, no enigma do mundo atual, com criatividade. Verbas não bastam. Vejam o exemplo da Saúde. Que adianta dobrar verbas pela CPMF para caírem no poço sem fundo das fraudes do SUS? (Por que será, aliás que o exemplo genial do Hospital Sarah Kubitschek não foi seguido até hoje? Por que sabotam-no com descaro?) As tentativas acadêmicas de acabar com a miséria levam diretamente à idéia de genocídio. Ou vocês acham que as favelas vão acabar na prancheta *clean* de urbanistas burgueses, sem a participação administrativa das comunidades? Só funcionará uma política de safenas sociais, atalhos de fuga contra os milhões de vagabundos e fisiológicos que vivem às custas do orçamento público. A burocracia é a base física da falta de esperança. Prefeitos e governadores têm de fazer um curso de pós-graduação no Projeto Axé.

NOTAS

• CARNAVAL SEM PURPURINA

Entre 1991 e 96, o fotógrafo Claudio Edinger decidiu esparramar os brilhos e as purpurinas do carnaval para mostrar, em *flashes* em preto e branco, uma face menos glamorosa, às vezes triste, das folias momescas. O resultado pôde ser visto a partir de hoje, às 19h, no foyer do Centro Cultural Banco do Brasil, quando Edinger inaugura a mostra "Carnaval". Os registros das festas nas cidades de Recife, Olinda, Salvador, Rio de Janeiro, Paraty e São Paulo também foram reunidos num livro homônimo que será lançado hoje.

• ALFINETADAS DE YSL

O costureiro francês Yves Saint-Laurent disse que ficou "espantado com o espetáculo ridículo" oferecido pelos jovens estilistas, principalmente os britânicos John Galiano (Dior), Alexander McQueen (Givenchy) e pelos franceses Thierry Mugler e Jean-Paul Gaultier. "O que vejo me horroriza", afirmou o criador ao semanário alemão "Focus", dias depois da apresentação das coleções de alta-costura em Paris. "É um espetáculo ridículo, mais apropriado para cenário de concerto. Não existe nada depois de Coco Chanel."

Neto de Mann defende filme de Bia Lessa

Escritor irá ao Festival de Berlim apoiar 'Crede mi', baseado em livro de seu avô

Bia Lessa e Dany Roland terão um defensor de luxo quando apresentarem "Crede mi" no Festival de Berlim, que começa em 13 de fevereiro. O escritor Frido Mann, neto de Thomas Mann, estará na capital alemã para colaborar com o lançamento do filme, que é baseado num livro de seu avô, "O eleito". E, de acordo com Frido, o filme vai precisar mesmo de defensores. Ele acredita que parte da platéia local vá reagir mal à ambientação cearense da obra de um maiores escritores alemães de todos os tempos.

— Parte do público vai dizer que é uma falsificação — aposta Frido, falando por telefone, de Göttingen, a cidade alemã em que vive. — É a parte da Alemanha que procura se distanciar de outros povos, e esta é a parte de que eu não gosto. Mas o lado moderno e crítico da Alemanha certamente vai gostar.

O que mais encantou Frido no filme foi exatamente o que pode desagradar aos espectadores nacionalistas: a história de um escritor alemão é contada por pessoas do interior do Ceará que nem atores são.

— O filme traz uma idéia nova, intercultural, com duas culturas se encontrando sem que uma anule a outra — exalta Frido. — "O eleito" serviu como estímulo para que o povo do Ceará fizesse

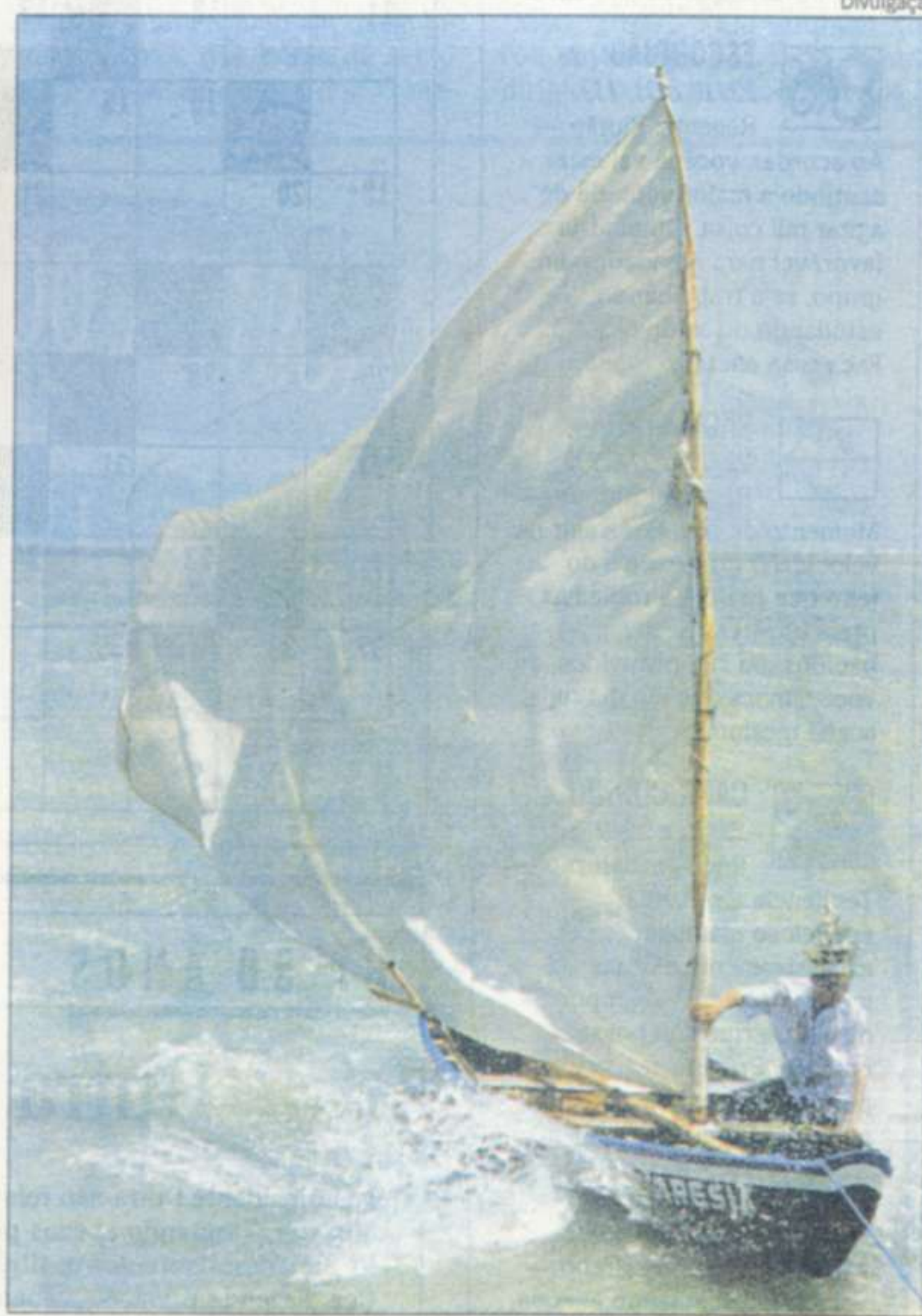
sua própria obra, mostrasse seus modos de viver e de pensar.

A ligação da família Mann com o Brasil é genética. Julia Silva-Bruhns, mãe de Thomas, nasceu no Brasil e foi para a Alemanha aos 7 anos. Frido, que fala um bom português, esteve no Brasil algumas vezes nos últimos anos para, entre outras coisas, comprar a casa em que sua bisavó morou, em Paraty. Em novembro a casa será reaberta como uma filial da Fundação Mann, que cuida da memória da família.

— Será um centro de intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha, algo que já aconteceu no filme de Bia — conta Frido, que virá ao Brasil em maio para resolver questões relativas à inauguração da casa.

O diálogo entre culturas é algo que Frido acredita estar presente na história da família. Além da bisavó brasileira, há o fato de Thomas Mann ter-se exilado nos Estados Unidos e de Klaus Mann escrever normalmente em inglês.

Frido, de 57 anos, é filho de Michael, o mais novo dos seis filhos de Thomas. Klaus, autor de "Mephisto", é o mais famoso de seus tios. Outro grande escritor da família é Heinrich Mann, irmão de Thomas. Além da literatura, a família Mann é marcada pelo suicídio: Julia e Carla, irmãs mais novas de Thomas, e Klaus se mataram. (Luiz Fernando Vianna) ■



"CREDE MI": para Frido Mann, o filme pode ser atacado por nacionalistas



INSCRIÇÕES ABERTAS PARA OS CURSOS DE:

Secretária Executiva • Assistente Administrativo • Técnico Contábil • Aux. Dept. Pessoal
Operador de Câmeras-VHS • Espanhol Básico • Importação • Inglês Básico
Matemática Financeira • Comércio Exterior - Export. • Montagem e Manutenção de micros • Atualização em Português • Leitura Dinâmica e Memorização.

INFORMÁTICA

WINDOWS 3.1 - Ambiente Gráfico • WORD 6.0 "For Windows" EXEL 5.0 "For Windows" • WORKS "For Windows" • WINDOWS 95 • Pagemaker 5.0 • CorelDraw

MATRÍCULAS ABERTAS. Informática a partir de R\$ 40,00 CADAM UM NO PACOTE

INE-RJ FACILITAMOS PAGAMENTOS E ACEITAMOS CARTÕES
CENTRO: Rua Evaristo da Veiga, 21 - sobreloja
TIJUCA: Rua Carlos Vasconcelos, 111 - Pça. Saens Peña
220-3863/262-4158/262-0376/254-3772/254-2368 E-mail: ine@domain.com.br

Auding Idiomas.
Peque esta onda.

Neste verão a Auding tem a solução para você que precisa aprender um idioma rapidamente.

São cursos intensivos com aulas diárias e que se encaixam perfeitamente à sua necessidade.

Reserve já o seu espaço.

Para saber mais sobre os cursos, descontos e opções de pagamento, basta nos contactar através do nosso E-mail ou dos telefones abaixo.

O cenário a gente já criou. Agora só falta você.

CURSOS DE INGLÊS, ESPANHOL, FRANCÊS, ALEMÃO, ITALIANO E PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS.

E-mail: tatmart@ibm.net

AUDING
IDIOMAS

BARRA: Rua Rodolfo de Azevedo, 398 Gc. - 202 Em breve

CENTRO: Rua do Ouvidor, 20 - Cabotum Tel.: 509.5793

BOTAFOGO: Praia de Botafogo, 228 Gc. 711 Tel.: 552.5476

TIJUCA: Rua Padre Elias Gonçalves, 40 Tel.: 208.4949

CINEMA *Diretora teatral fez workshops com moradores do interior do Ceará para adaptar “O Eleito”, de Thomas Mann*

‘Crede-Mi’ lança Bia Lessa como cineasta

SINOPSE

*Eu vou contar uma história
Que fala de amor profundo
De sofrimento, de glória,
Pra mostrar que neste mundo
Todos desígnios de Deus
Todas as ordens dos céus
Podem mudar num segundo.*

*Foi o grande Thomas Mann,
Um velho autor alemão
Cuja mente, leve e sã,
Com sua pena na mão,
Conta o fato do casal
feliz de maneira tal
Que vivia de paixão*

*Assim, o Duque Grinaldo
E a esposa Baduhenna
Tiveram gêmeos mimados.
Mas a coitada... que pena!
Morreu nas dores do parto,
Deixando naquele quarto
O viúvo em triste cena.*

*Dezessete anos depois
O Duque juntou-se a ela
E com a morte dos dois,
Pintou-se a mais triste tela
Os gêmeos cresceram juntos
e eu vou falar desse assunto,
pois amaram-se ele e a ela.*

Poesia de Elói Teles, de Crato, escolhida pelos diretores para a sinopse de “Crede-Mi”



Menina de Juazeiro, Ceará, onde uma parte de “Crede-Mi” foi filmada com a participação de moradores



À esq., cena de “Crede-Mi” realizada nas dunas de areia do Ceará; à dir., a diretora Bia Lessa filma o grupo regional Irmãos Aniceto, em Crato

KATIA CANTON
especial para a Folha,
no Rio de Janeiro

Pequena, magra e delicada ao extremo, a diretora e atriz Bia Lessa encobre na aparência uma força criadora sobre-humana.

Depois da carreira iniciada, em São Paulo, como atriz de Antunes Filho, ela recomeçou tudo, com sua mudança para o Rio, no início dos anos 80, onde acabou se consagrando como diretora. Agora, se lançando no cinema, Lessa arrisca tudo outra vez.

Diretora de espetáculos como “Orlando” e “Viagem ao Centro da Terra” e da encenação de óperas como “Don Giovanni”, Bia Lessa tornou-se uma das referências da nova estética teatral brasileira no exterior.

Baseando a maioria de suas criações cênicas em obras literárias, a diretora sentia, no entanto, que seu trabalho estava se distanciando da vida real, tornando-se abstrato demais para conseguir “entender a alma humana”.

Ao lado do ator e músico Dany Roland, companheiro na vida e no trabalho, Bia Lessa resolveu transpor a linguagem épica do escritor Thomas Mann, no livro “O Eleito”, por meio de workshops com cidadãos do interior do Ceará.

Viajando durante 19 dias, com uma câmera de vídeo na mão e sem idéias preconcebidas na cabeça, Bia e Dany pensavam apenas em documentar a experiência para depois criar um espetáculo teatral.

Resultado: a vida falou mais forte. Quando reviram o vídeo, perceberam que ali estava, pronto, o material. Em vez de convocar atores para então fazer uma peça, levaram o conteúdo diretamente à Riofilme, que se dispôs imediatamente a patrocinar “Crede-Mi”.

Em junho, o casal foi para Los Angeles kinescopar o material, transcrevendo-o da linguagem do vídeo para o cinema.

“Crede-Mi” estreia no Espaço Unibanco do Rio em 10 de janeiro. Em março é lançado em circuito nacional. Bia Lessa e Dany Roland receberam a Folha em seu apartamento, em Santa Teresa. Ela fala sobre sua experiência inédita.

Folha - Como começou a idéia de fazer cinema?

Bia Lessa - Não foi nada premeditado. Senti que estava começando uma grande revolução na minha vida. O teatro te leva forçosamente a um pensamento metafórico. A literatura sempre me alimentou até que senti um esgotamento dessa abstração. Quando me deparei com o livro “O Eleito”, de Thomas Mann, senti que ali estava uma obra sobre o cerne da vida, um épico sobre as tradições. Percebi que o caminho, agora, seria buscar a tradução dessas tradições não numa abstração criada, mas na própria vida dos homens.

Folha - Como a obra de Mann permitiu chegar perto da vida?

Lessa - Só passei por uma outra revolução como essa em 1989, na época em que encenava “Orlando”, com Fernanda Torres. Num momento em que a protagonista passa por uma tristeza profunda, Fernanda só conseguia rir, porque tem uma personalidade irônica.

Então, em vez de tentar forçá-la a chorar, resolvi aproveitar a verdade de sua reação. A cena acabou ocorrendo com ela rindo muito, enquanto uma tonelada de terra caía do teto sobre sua cabeça.

Agora vejo “O Eleito”. O livro fala de um casamento entre irmãos que gerou dois filhos. Um deles se casa com a própria mãe e acaba se tornando papa. Fala da essência da vida, da fé. É um épico. Percebi que precisava buscar essa essência da história na própria vida.

Folha - E essa escolha multicultural, de levar uma história alemã para o interior do Ceará?

Lessa - Na busca das tradições, já tinha ouvido de Violeta Arraes, reitora da Universidade de Crato, sobre a riqueza do interior cearense. Nessa nossa era é preciso exercitar essas noções de traduções culturais. Cidades como Crato e Juazeiro têm uma produção e uma noção de interdisciplinaridade artística sofisticadíssimas.

Folha - Como você e Dany Roland organizaram os workshops e como foram juntando as cenas do filme?

Lessa - Tivemos patrocínio inicial do governo do Ceará para fazer esses workshops. Em alguns lugares, como em Crato, apareceram de repente mais de 180 participantes numa noite. A gente trabalhava com pessoas entre 4 e 80 anos, o que realçava essa diversidade com que queríamos lidar.

Por exemplo, um velhinho, que veio se apresentar a nós como sendo um dos irmãos Aniceto, começou a contar sua vida para nós como se ela fosse bíblica, em tom épico. Ele mentia, inventou essa história para conversar conosco. Resolvemos colocar sua narrativa, de tão comovente, no início do filme.

Folha - Como foi realizado o longa-metragem?

Lessa - Basicamente, a partir de uma radicalização de linguagem. Quando chegamos em Fortaleza e revimos o vídeo, percebemos que podíamos abrir mão daquele material como documento e transformá-lo na própria narrativa.

Folha - Com esse processo vocês parecem inaugurar uma nova forma de fazer cinema no Brasil.

Lessa - O filme acabou sendo estruturado posteriormente. Muita gente tem nos telefonado para saber como pudemos gravar em vídeo e kinescopar o trabalho, passando para o cinema. Eu e Dany fazíamos tudo, eu filmando com a hi-8, ele me segurando nos barrancos, fazendo o som, fotografando. Às vezes trocávamos de lugar. A decisão foi a kinescopagem em Los Angeles, por ser mais barato. Ao todo, excluindo a divulgação, o filme custou R\$ 100 mil, o que é muito barato.

Teatro de Americana vira palco de filme

DANIELA ROCHA
da Reportagem Local

Um teatro de Americana (cidade a 133 km de São Paulo) será palco de um filme. No final deste mês, o cineasta Luiz Villça e sua equipe estarão na cidade para filmar “Por Trás do Pano”, com Denise Fraga e José Wilker.

Depois de rastrear palcos em várias cidades do Brasil, o casal Luiz Villça e Denise Fraga escolheu o de Americana, por ser um teatro “com cara de teatro”, segundo a atriz. “A gente sempre fica impressionado com a beleza dos teatros. Mas o de Americana é mais interessante porque é um teatro verdadeiro”, disse ela.

O apoio da prefeitura ao ceder a casa facilitou a negociação. “As imagens não vão atrapalhar o andamento do teatro, já que esta é uma época de baixa temporada teatral”, afirmou o cineasta.

Em contrapartida, Villça e sua equipe vão oferecer workshops de direção, atuação, fotografia e cinema para a população da cidade.

“Por Trás do Pano” conta a história de um ator mais velho, Sérgio Montana (Wilker), que convida

uma jovem atriz, Helena Satter (Fraga), para ensaiar uma adaptação de “Macbeth”.

Mas, segundo Denise Fraga, o filme pouco mostra dos ensaios: “Ele trata mais das relações virtuais que se estabelecem entre personagens e atores. Como os personagens interferem na nossa vida real”, disse.

Villça afirma que o filme vai do encontro dos dois personagens até a estreia da peça, sempre com diálogo ágil, desenvolvido por ele e pelo roteirista e dramaturgo Flávio de Souza.

“Mais do que o ensaio da peça, a trama do filme mostra quão intensa fica a relação dos dois e o que acontece na vida de cada um deles”, disse o diretor.

Na trama existe também o personagem que é o marido da atriz. Já que tanto Villça quanto Souza são casados com atrizes, o personagem sintetiza o que eles gostariam de dizer, segundo a atriz.

Luiz Villça resolveu filmar praticamente toda a história no teatro. “É como uma brincadeira em que eles vivem a vida deles em um palco. Haverá poucas externas”, disse o diretor.

No palco também serão montadas as casas de cada um dos personagens, o que possibilitará algumas brincadeiras, segundo Denise.

“Tem uma hora que duplês estarão atuando enquanto eu e o Wilker assistimos à uma cena da vida real da Helena”, antecipa.

O roteiro foi feito com os atores em mente, segundo Villça. Wilker e Denise já trabalharam algumas vezes juntos, só que em televisão. “Adoro o Wilker, acho ele um pensador”, disse Denise.

O que mais entusiasmou José Wilker no projeto foi o personagem que interpretará, o ator Sérgio Montana. “Acho o personagem muito bom. Gosto dele”, afirmou. Wilker, que também estará produzindo o filme, chegou a dar sugestões a Flávio de Souza e Luiz Villça durante a roteirização. “Li várias versões. Estamos nesse trabalho há um ano”, afirmou.

O maior desafio foi conciliar as agendas de todos os atores com o empréstimo do teatro e a captação de recursos. “Trabalhamos durante o ano todo para captação de recursos e só no final do ano conseguimos resultados”, afirmou Villça.



Denise Fraga, que atua ao lado de José Wilker no filme “Por Trás do Pano”, que será rodado em Americana

Depois de muito tempo o Brasil concorre ao Urso de Ouro e tem representantes em quase todas as grandes manifestações do festival



Alan Arkin faz o papel do embaixador Charles Elbrick, enquanto Fernanda Torres é uma guerrilheira urbana em "O que é isso, companheiro?"



Cinema brasileiro invade Berlim

PEDRO BUTCHER

O 47º Festival de Cinema de Berlim começa no próximo dia 13 com a mais significativa participação brasileira em festivais de grande porte dos últimos tempos. Pela primeira vez desde a "retomada" um filme de produção nacional foi escolhido para concorrer aos prêmios principais. *O que é isso, companheiro?*, de Bruno Barreto (que em inglês vai se chamar *Four days in september*), é candidato ao Urso de Ouro e único representante da América Latina na competição oficial. O Festival de Berlim, tradicionalmente, é uma boa vitrine para filmes brasileiros. Já premiou, na década de 80, como melhor atriz, Marcélia Cartaxo por *A hora da estrela* e Ana Beatriz Nogueira, por *Vera*.

Além de *O que é isso, companheiro?*, oito produções nacionais estarão sendo exibidas pela primeira vez na Alemanha durante o Fórum de Cinema Jovem,

uma importante seção do festival dedicada a cinematografias em ascensão. *O sertão das memórias*, de José Araújo (escolhido melhor filme latino-americano em Sundance, mês passado), abrirá o evento. O Fórum vai exibir desde *Carlota Joaquina*, longa de Carla Camurati que se tornou um símbolo da retomada, a *Crede-mi*, recente experiência cinematográfica da diretora teatral Bia Lessa no Nordeste. Por conta disso, uma caravana de brasileiros vai trocar o calor do carnaval pelo gelado inverno Europeu.

Da equipe de *O que é isso, companheiro?*, oito pessoas vão a Berlim. Saem do Brasil os produtores Luis Carlos e Lucy Barreto, a atriz Fernanda Torres e o deputado federal Fernando Gabeira. Gabeira é autor do livro que deu origem ao filme e também um dos participantes do sequestro do embaixador americano no Brasil, Charles Elbrick, em 1969,

fato retratado no longa. Partindo dos Estados Unidos vão o diretor Bruno Barreto (que prepara em Nova Iorque mais um longa-metragem de produção americana), o ator Alan Arkin — que interpreta o embaixador —, e a filha do verdadeiro Charles Elbrick, Valery. "Eu me lembro da exibição de *Missing*, de Costa Gavras, em Cannes. Os produtores levaram a família do personagem que inspirou a história, o que multiplicou o interesse pelo filme. Por isso, será muito bom termos lá o Gabeira e a Valery, que viveram a história", afirma a produtora Lucy Barreto. Ela está confiante na repercussão internacional de *O que é isso, companheiro?*, principalmente porque as plateias do exterior não sabem o fim. "O filme ganha um suspense interessante", aposta. A exibição está programada para domingo, dia 16. Pedro Cardoso, o protagonista, não pode viajar por causa de compromissos pro-

fissionais como redator da TV Globo.

Todos os filmes do Fórum terão pelo menos um representante durante suas exibições. Lúcia Murat, diretora de *Doces poderes*, vai prestigiar as sessões do seu filme, que se realizam dias 14, 15 e 16. Recentemente, ela enfrentou o frio do independente Sundance, onde *Doces poderes* foi exibido junto com *O sertão das memórias*. José Araújo, diretor deste último, Tata Amaral, de *Um céu de estrelas*, Murilo Salles, de *Como nascem os anjos*, Sylvio Back, do documentário *Índio do Brasil*, além de Carla Camurati e Bia Lessa, vão comparecer ao terceiro festival mais importante da Europa.

A competição oficial, como é de praxe em Berlim, traz uma penca de filmes cotados para o Oscar. Entre eles os favoritos *O paciente inglês*, de Anthony Minghella, e *O povo versus Larry Flynt*, de Milos Forman, uma polêmica biografia do diretor da revista pornográfi-

ca *Hustler*. As bruxas de *Salém*, com Daniel Day Lewis e Winona Ryder (baseado em peça de Arthur Miller), assim como *Rosewood*, de John Singleton (diretor de *Os donos da rua*), *Get on the bus*, de Spike Lee, e *Romeu e Julieta*, de Braz Luhrman, também concorrem a prêmios. Fora de competição passam *Marte ataca!*, de Tim Burton, *In love and war*, adaptação de *Adeus às armas*, de Ernest Hemingway feita por Richard Attenborough. Da Europa o principal título da seleção é a produção francesa *Genealogies d'un crime*, dirigido por Raoul Ruiz (em cartaz no Brasil com *Três vidas e uma só morte*), com Catherine Deneuve no elenco. O filme de abertura é *Senhorita Smilla e o sentido da neve*, o primeiro filme de suspense do diretor dinamarquês Bille August, duplamente vencedor da Palma de Ouro em Cannes por *Pelle, o conquistador* e *As melhores intenções*.

Cariry será secretário de Cultura no interior do Ceará

FLAMÍNIO ARARIPE

FORTALEZA — O cineasta Rosenberg Cariry vai assumir, depois do carnaval, a secretaria de Cultura de Crato, no interior do Ceará. Diretor do premiado (*Corisco e Dadá*), Rosenberg inicia em setembro a filmagem do longa-metragem *Lua Cambará*. O filme está orçado em R\$ 1,9 milhões e já teve contrato de produção assinado com a produtora paulista Magia Filmes. Os atores Chico Dias e Dida Paes, os mesmos de *Corisco e Dadá*, farão os papéis

principais na história que será filmada nos sertões dos Inhamuns e no Cariri, no Ceará, com 60% do elenco e figurantes locais.

Logo após o carnaval, Rosenberg, que morava entre Paris e Fortaleza — ele é casado com uma francesa — assume a secretaria de Cultura do Crato, no sul do Ceará, região do Cariri. O cineasta disse que *Corisco e Dadá* foi inscrito em 15 festivais internacionais, mas com o novo cargo só irá pessoalmente aos mais importantes, e enviará os atores

onde não puder comparecer.

A aceitação do convite do prefeito não implica em troca da câmera pelo escritório de burocrata. O cineasta anuncia a intenção de usar sua influência para atrair o intercâmbio de universidades e produtores da indústria cultural com agentes da cultura popular existente no Crato, conhecida pela diversidade de suas manifestações. Outra iniciativa será a recuperação dos cinemas do Crato, todos fechados.

A reitora da Universidade Regional

do Cariri (Urca), Violeta Arraes, convenceu Rosenberg a aceitar o cargo com a oferta de parceria no projeto em que os mestres da cultura popular vão dar cursos de extensão para a comunidade e escolas. O cineasta articulou um convênio com a Universidade de Estrasburgo, na França, em que produtores culturais como o mestre Cíco do Pifano será treinado para ensinar a sua arte nas escolas e comunidades locais. A secretaria e a Urca pretendem promover este ano um encontro nacional de cinema no

Crato.

A Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto, formada por agricultores, lançará o primeiro CD já como microempresa, com apoio da prefeitura, e em seguida pretende gravar o show que deu em parceria com Hermeto Pascoal. O projeto de Rosenberg, que tem como auxiliar direto o animador cultural Alemberg Quindins, envolve a instalação de um corredor cultural, a criação de oficinas de arte e o estímulo a microempresas dos artistas populares.

A lição de vida do militante da liberdade

Curtis Mayfield está de volta em CD e na trilha sonora do último filme de Spike Lee

JAMARI FRANÇA

A voz cristalina de Curtis Mayfield no CD *New World Order* é antes de tudo uma lição de vida. Atingido por uma torre de luz durante show beneficente em 1990, Curtis parecia estar morto em vida depois de uma carreira brilhante que o consagrou como um dos maiores nomes da música soul americana, ao lado de James Brown, George Clinton, Isaac Hayes, Stevie Wonder e Marvin Gaye.

"Uma nova ordem mundial, um novo dia/Uma mudança de mentalidade para a raça humana," proclama ele na faixa título e música de trabalho, ouvida pelo diretor de cinema Spike Lee e imediatamente adotada como tema de seu último filme, *On the bus*, sobre a marcha de 1 milhão de negros em Washington, realizada no ano passado.

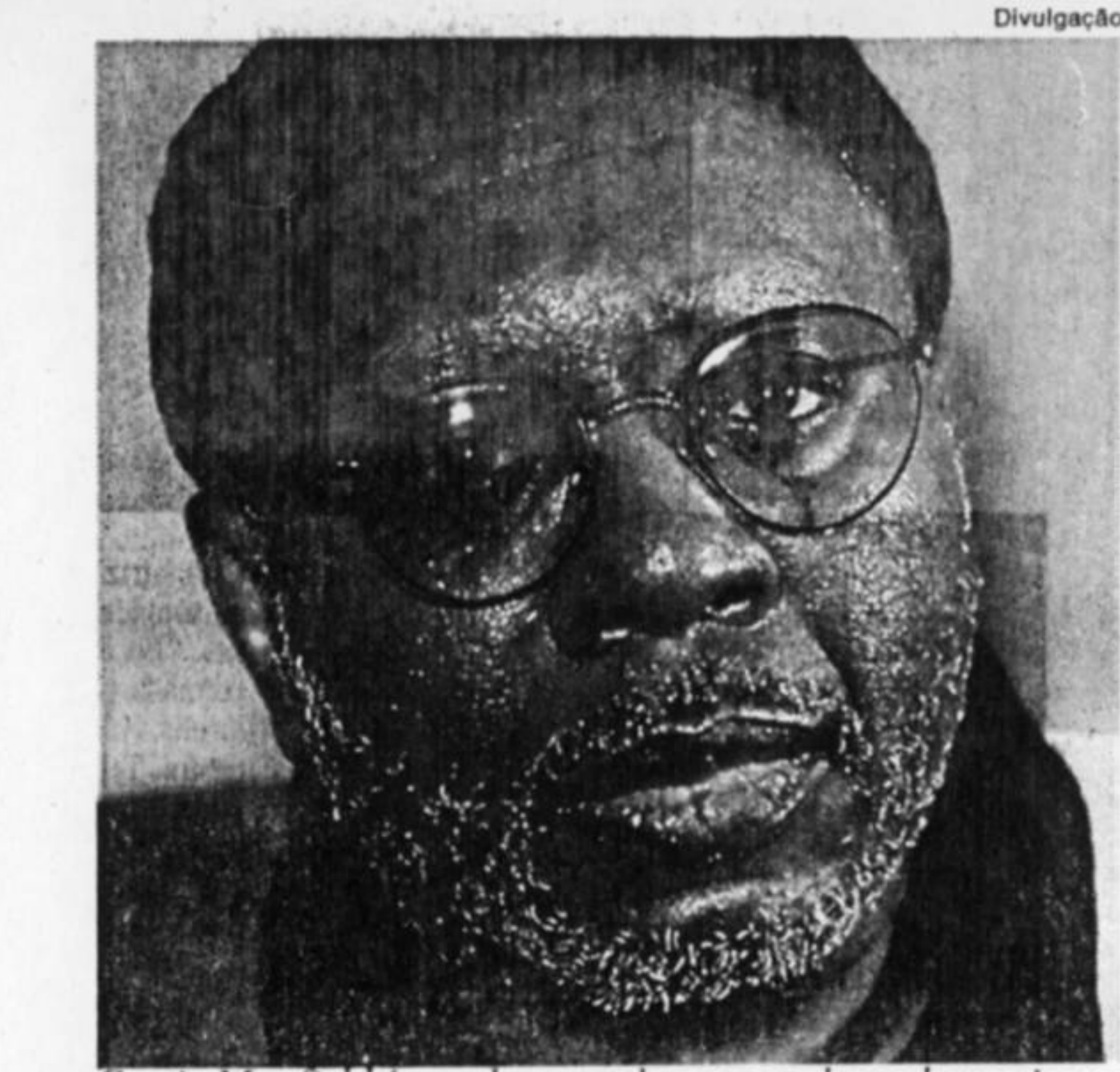
Curtis diz num vídeo promocional que suas canções sempre foram alimento para se meditar sobre o tempo presente, um engajamento em defesa dos negros e da luta por igualdade, a ponto de sua música ser definida como a trilha sonora do movimento pelos direitos civis, a grande jornada de luta dos americanos de pele negra por direitos até hoje desrespeitados.

Curtis se afina com a linha de militância do pastor Martin Luther King Jr., a ênfase nos valores religiosos e protestos pacíficos. Ele escolheu o centro dedicado a King no estado da Geórgia

para gravar o clip da música título, tendo ao fundo a placa de mármore com o final do mais famoso discurso de King: "Livres, afinal, obrigado Deus Todo Poderoso, somos livres enfim."

E Mayfield reflete o discurso do *I have a dream* quando diz na letra de *New World Order* "Acabamos de fazer uma marcha de 1 milhão outro dia/ Nós todos vimos o suor escorrer na testa da sra. Liberdade/ ela sabe que o gigante adormecido não está mais mortalmente letárgico/ cumpriu-se a profecia." King advertira em 1963: "Seria fatal para a nação ignorar a urgência do momento. Este sufocante verão do descontentamento legítimo do negro não passará até que chegue um outono revigorador de liberdade e igualdade."

Curtis mistura esperança e ceticismo nesta faixa síntese de seu trabalho e militância. Refere-se ao problema da miséria nos guetos e à política do governo de dar ajuda maior a mães solteiras, transformando o pai em "alguém que não pode ser visto" porque "a família se tornou um crime". Menciona a cadeia, caminho da maioria dos que saem da lei, algo comum entre os negros, que são apenas 13,5 da população mas 60% da população carcerária. E finalmente parece advertir contra os defensores de soluções violentas, como o reverendo muçulmano Louis Farrakhan, que convocou a marcha de 1 milhão, advertindo do "Cuidado com as mentiras e as fal-



Curtis Mayfield é um dos grandes nomes do soul americano

sas profecias/ somos muitos com olhos mas nem todos enxergam."

Há muito mais no disco, impecavelmente gravado e tocado, com muitas vozes unindo-se a Curtis para dar forma a um repertório onde brilham engajamento e romantismo, como sempre foi seu caso. Lá estão as guitarras com *wah wah* e *delay*, os teclados multiplicados em bases e efeitos, baterias eletrônicas e sintetizadas e metais.

Curtis regravou uma de suas canções militantes, *We people who are darker than blue*, de 1970, com ajuda na produção de Roger Troutman, do grupo Zapp num arranjo calcado em tecladaria sintetizada e uma interpretação emocionante do tema da integração racial. "Vamos nos unir/irmãos e irmãs/É preciso tentar/ Sei que todos tem problemas/a paz que vamos manter é a que vamos conquistar/ Não existe outra ma-

neira," fala Curtis mimetizando-se em n vozes diferentes num trecho do meio da música que acelera o andamento e é coalhado de efeitos, até desacelerar novamente e Curtis terminar o recado: "Não temos tempo para a segregação/ Estou falando de morenos e amarelos também," canta, entremeando vários versos com a indagação dirigida ao todo poderoso homem branco e segregador "Desculpe-me irmão/ em meio à sua glória/Sei que você não se importa/ se eu contar toda a história."

Mas tem o lado não político. *Back to living again*, com vocais de Aretha Franklin, fala do renascimento, *I believe in you* é uma bela balada de amor, um dueto arrepiante de Curtis com Sandra St. Victor e um belo solo de trumpetete com surdina de Eddie Davis. *Ms Martha*, também lenta, tem uma guitarra distorcida e vocais divididos com Mavis Staples. Curtis acelera em *It was love that we needed* e bota para dançar em *The got dang song*, produzida pelo festejado Narada Michael Walden. Encerrada a audição, fica a certeza de que Curtis encontrou força nas palavras que empregou a vida toda para mandar seus recados. Numa alusão ao disco homenagem a Curtis gravado em 1994 por vários artistas, B.B. King disse: "Ele sempre falou que as pessoas deviam pensar nas mesmas, se respeitarem e se salvarem." E Bonnie Raitt emendou: "Ele manda uma mensagem positiva sobre sentimentos que precisam ser ressaltados nos difíceis dias de hoje." É isso aí.